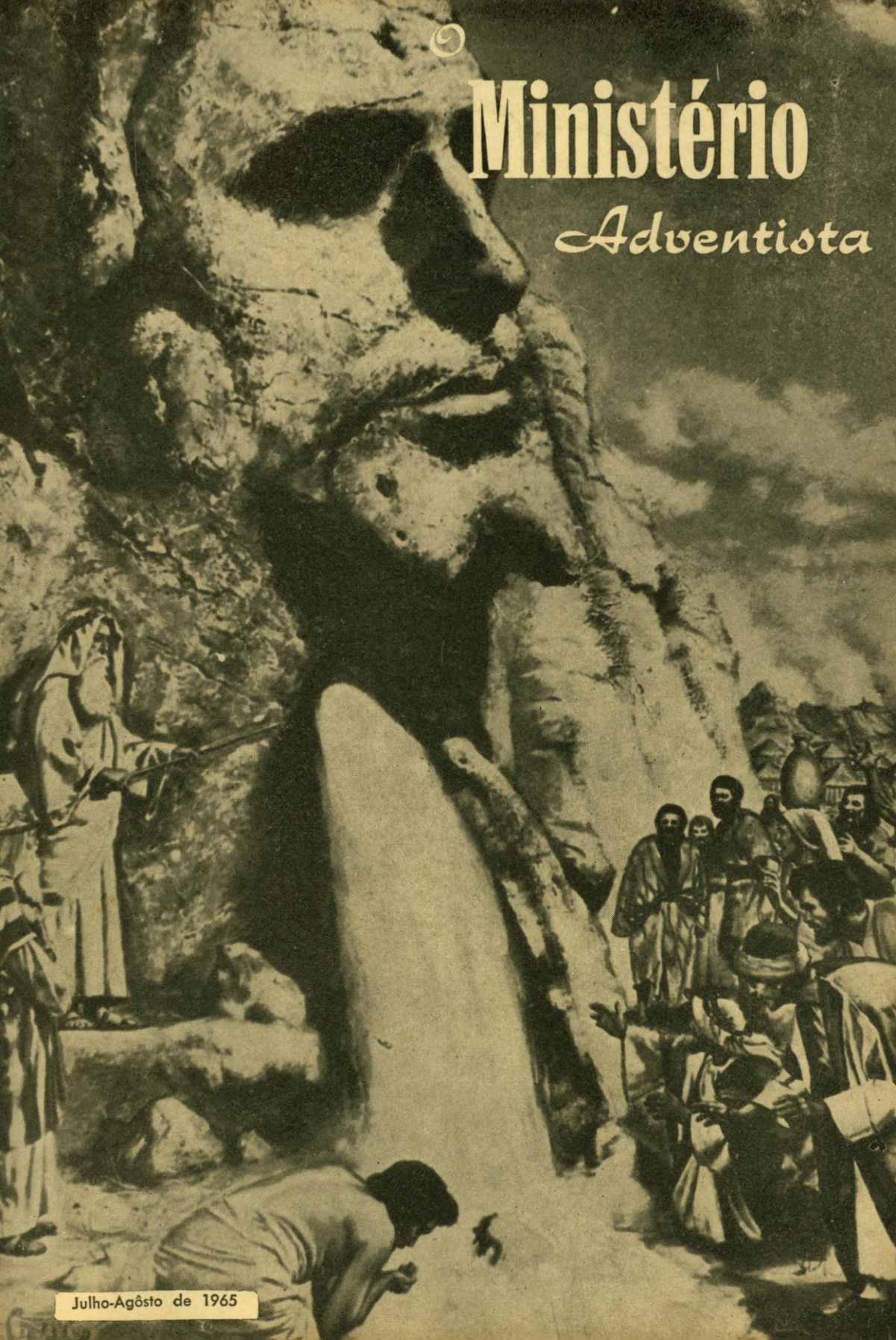




Ministério

Adventista

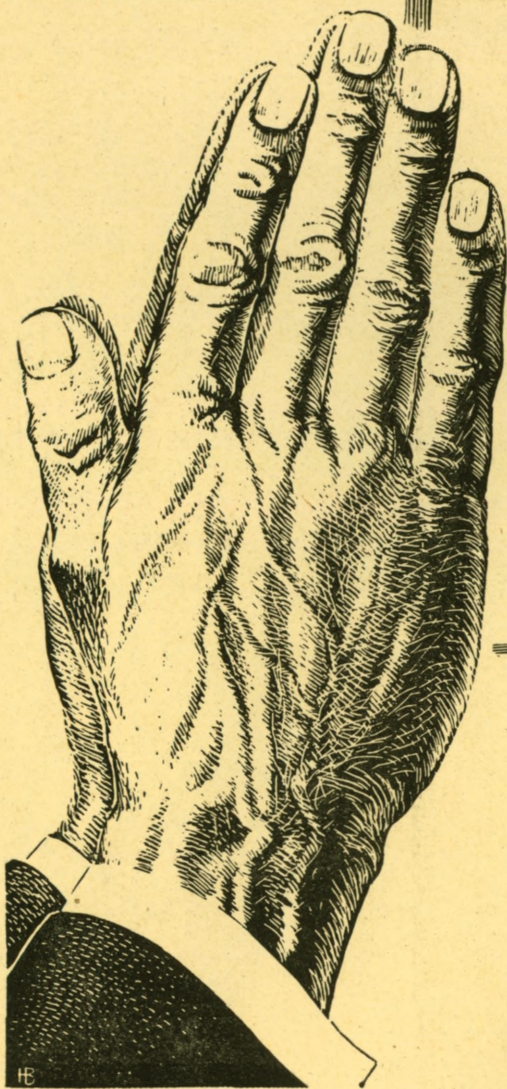


Julho-Agosto de 1965

Oração do Pregador

ES aqui, ó Senhor, um recipiente vazio que precisa ser enchido. Enche-o, Senhor meu. Sou débil na fé; fortalece-me. Sou frio no amor; aquece-me e torna-me fervoroso para que meu amor possa chegar a meu próximo. Não posuo fé forte e firme; às vêzes duvido e sou incapaz de confiar inteiramente em Ti. Ajuda-me, ó Senhor. Fortalece minha fé e minha confiança em Ti. Escondi em Ti os tesouros de tudo o que tenho. Sou pobre; Tu és rico e vies-te para ser misericordioso com os pobres. Sou pecador; Tu és justo. Em mim há abundância de pecado; em Ti está a plenitude da retidão. Permanecerei, portanto, contigo, de quem posso receber, mas a quem nada posso dar. Amém.

— MARTINHO LUTERO (em *Prayers of the Reformers*, compilação de Clyde L. Manschreck).





Ilustrações

Órgão publicado bimestralmente pela
 Associação Ministerial da Igreja Adventista do
 Sétimo Dia
 Editado pela
 Casa Publicadora Brasileira
 Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
 Gerente — Bernardo E. Schuenemann
 Redator responsável — Naor G. Conrado
 Colaboradores especiais:
 J. J. Aitken e A. E. Schmidt

Brasil	
Assinatura Anual	Cr\$ 500,00
Número Avulso	Cr\$ 85,00
Estrangeiro	
Assinatura Anual	US\$ 2,00
Número Avulso	US\$ 0,35



Ano 31 No. 4

NESTE NÚMERO

ORAÇÃO DO PREGADOR 2

ILUSTRAÇÕES:

Uma Obra-prima de Louvor 3

EDITORIAL:

O Pregador do Evangelho 4

ARTIGOS GERAIS:

Considerações Sobre os Comentários de Walter Martin Acerca do Sábado e o Dia do Senhor — II 5

Walter Martin e a Natureza do Homem — II 10

Gemas do Pensamento 13

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

A TV e o Evangelismo da Saúde 15

Sugestões para Pregadores 16

PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA

Alguns Aspectos da Observância do Sábado Entre os Judeus Durante a Era Cristã . 17

Apresentemos a Deus uma Oferenda Musical Aceitável 20

PERGUNTAS SOBRE DOCTRINAS:

A Preeminência de Cristo em Daniel 8 e 9 21

Uma Obra-prima de Louvor

“PARECIA-ME ver todo o Céu perante mim, e o próprio Deus,” foi o que Jorge Frederico Haendel disse de sua experiência ao compor a música espiritual e arrebatadora do incomparável oratório *O Messias*.

O oratório começa descrevendo a divina profecia do primeiro advento de nosso Salvador, e continua então a história através dos sofrimentos, morte, ressurreição e vitória final do Filho de Deus.

Por toda parte desta obra-prima é exposta a fé do homem em sua própria ressurreição. Oh! que inspiração, que enlévo advém à alma ao unir-se ela inconscientemente à glória do “Côro de Aleluia”!

O Messias foi composto há 216 anos, no surpreendentemente curto período de três semanas e dois dias. O coração de Jorge Haendel ficara impressionado por um apêlo proveniente de Dublin. Dizia o seguinte: “Nossas prisões estão repletas de presos por causa de dívidas. Dê-nos um concêrto e deixe os lucros destinarem-se para a abertura das portas da prisão.” O compositor pôs mãos à obra, e seu oratório, considerado o maior dos que êle produziu, veio à existência. Foi um imediato sucesso. O salão não pôde conter tôdas as pessoas que vinham noite após noite — não para divertir-se mas para serem elevadas em direção ao Céu.

Consta que o rei Jorge II compareceu uma noite à apresentação do *O Messias*. Inclinou-se cada vez mais para a frente em seu assento. A música comoveu-o até às lágrimas. Quando o côro chegou às palavras: “O Deus onipotente reina,” o rei levantou-se, como se não pudesse conter-se. Todos seguiram seu exemplo, permanecendo em pé até o côro terminar. Nós também podemos ser elevados espiritualmente ao nos postarmos em adoração perante Deus, lembrando-nos de que “o Deus onipotente reina.”

Os grandes temas de verdades espirituais do *O Messias* aplicam-se a qualquer época do ano. . . . Se tivermos a oportunidade de ouvir *O Messias*, compenetremo-nos de sua mensagem. Que ela nos aqueça o coração em amor, nos eleve a alma em adoração e fortaleça nossa fé na esperança de um glorioso futuro com o Rei dos reis e Senhor dos senhores.

— A. C. Fearing



EDITORIAL

O Pregador do Evangelho

ENOCH DE OLIVEIRA

Depois de Sua ressurreição, e após haver passado quarenta dias na companhia de Seus discípulos, Jesus lhes deu uma ordem, sintetizada nas palavras de Marcos: "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura." (S. Marcos 16:15). Mateus, registrando esta grande comissão, escreveu: "Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo." S. Mat. 28:19.

Pregar o Evangelho é, indubitavelmente, um dos maiores privilégios que o Senhor concedeu aos homens. É uma tarefa que não foi confiada aos anjos, seres celestiais, mas aos homens falíveis e pecadores. No livro Atos dos Apóstolos, escreveu a Sr.^a White: "Deus não escolhe como Seus representantes entre os homens anjos que jamais cairam, mas seres humanos, homens de paixões idênticas às daqueles a quem buscam salvar. Cristo Se revestiu da forma humana para que pudesse alcançar a humanidade. Um Salvador divino-humano era necessário para trazer a salvação ao mundo. E a homens e mulheres foi entregue a sagrada tarefa de tornar conhecidas as riquezas incompreensíveis de Cristo." Pág. 134.

-o-o-o-o-o-

Paulo, o apóstolo das nações, sobre a pregação do Evangelho, escreveu: "Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como pois invocarão aquele em que não creram? e como crerão naquele de quem não ouviram? e como ouvirão se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam coisas boas! Rom. 10:13-15.

Estas palavras paulinas nos sugerem, entre outras, as seguintes conclusões:

1. Há necessidade de pregadores na Igreja, para a divulgação oral da Palavra de Deus ao mundo.

2. Há necessidade de um ministério organizado e consagrado, cuja função primordial seja a pregação, a exortação e o ensino.

3. Esses pregadores devem ser separados, (Atos 13:12), pelo Espírito Santo, e enviados como embaixadores de Deus para estabelecer negociações de paz entre o Céu e a Terra.

4. Esses pregadores devem ter um único propósito, a saber: "Pregar a Cristo, e Este crucificado . . . poder de Deus e sabedoria de Deus." I Cor. 2:2 e 1:24.

-o-o-o-o-o-

Os pregadores do Evangelho, para realizar uma obra fecunda, necessitam, entre outras, as seguintes qualidades:

1. Ser aptos para ensinar. "Convém — escreveu o apóstolo Paulo — que o bispo seja . . . apto para ensinar." I Tim. 3:2. Não é suficiente a cultura teológica. Impõe-se o domínio da arte da comunicação. Os pregadores devem saber criar o que Emmerson Fosdick chama "um diálogo cooperativo," a fim de apresentar aos pecadores, com clareza, o caminho da salvação.

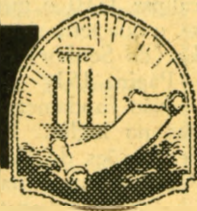
2. Ser sinceros e fiéis, em sua conduta e procedimentos, e dedicados à obra para a qual fomos comissionados. I Cor. 4:2; S. Mat. 5:16.

3. Ter uma vida santa e irrepreensível. II Cor. 6:6; Isa. 52:11. Quão extraordinária foi a influência de Eliseu! O seu viver inculpável suscitou de uma mulher sunamita o memorável testemunho: "... este que passa sempre por nós é um santo homem de Deus." II Reis 4:9.

4. Ser dominados por uma perturbadora paixão pelas almas. Atos 20:31; II Cor. 2:4; Rom. 9:1-3. Foi esta consumidora paixão pelos perdidos que levou Henrique Martin a orar de joelhos, em uma das praias da Índia; "Aqui, Senhor, quero ser inteiramente gasto por Ti."

(Continua na pág. 14)

ARTIGOS GERAIS



Considerações Sôbre os Comentários de Walter

Martin Acerca do Sábado e o Dia do Senhor - II

RICARDO HAMMILL

Secretário Associado do Departamento de Educação da Associação Geral



A OUTRA seção do livro do Sr. Martin começa da seguinte maneira: "Os adventistas do sétimo dia desde o início sempre têm procurado igualar o sábado ao dia do Senhor. Seu principal método para realizar isto são argumentos contra sua posição, isto é, o dia do Senhor em oposição à observância do sábado." — Página 151. Abstemo-nos de comentar sôbre isto, pois não podemos entender o pensamento do autor nessa segunda frase. Verifiquemos o próximo trecho do escritor para ver se é mais lógico. "Eles argumentam que em razão de 'o Filho do homem' ser 'senhor também do sábado' (S. Marcos 2:27 e 28), ao declarar João: 'Achei-me no espírito, no dia do Senhor' (Apoc. 1:10), o sábado e o dia do Senhor devem ser os mesmos!" Deixemos que o leitor decida se êste raciocínio merece ou não um ponto de exclamação. Parece-nos que se o Salvador é senhor do dia de sábado — segundo Sua própria afirmação — achamos ser bastante lógico inferir que o dia do Senhor é o sábado. Há uma coisa que podemos declarar com tôda a certeza, e é que em Apocalipse 1:10 João não disse ter sido arrebatado em Espírito no domingo! Tampouco afirmou Cristo alguma vez que o primeiro dia da semana é "o dia do Senhor." Nenhuma outra passagem das Escrituras pode ser aduzida para acompanhar Apocalipse 1:10 que com o máximo esforço da imaginação sugerisse a mínima idéia de que "o dia do Senhor" é o domingo.

Nosso amigo Walter Martin faz uma muito significativa confissão ao afirmar: "João não indica que o dia do Senhor era a possessão do

Senhor, mas antes que êle era o dia *dedicado a Êle pela igreja primitiva*, não de acôrdo com a lei mosaica, mas em obediência ao mandamento de amor de nosso Senhor." (Grifo nosso.) Não admitimos absolutamente que os apóstolos dedicassem de modo especial o primeiro dia da semana à adoração de Cristo, pois notamos que Paulo, após haver observado o sábado com os crentes, partiu tarde na noite de sábado, caminhando o dia todo para pegar um navio (Atos 20:7-11). Ele ordenou também aos crentes de Corinto que ajustassem suas questões financeiras no primeiro dia da semana e pusessem de parte, *em casa*, alguns fundos para a grande oferta em favor dos pobres em Jerusalém (I Coríntios 16:2). Concordamos, porém, com o autor em que a observância do primeiro dia da semana é *meramente uma instituição humana*. Admiramo-nos, entretanto, de que alguém possa observar o primeiro dia da semana "em obediência ao mandamento de amor de nosso Senhor," e não observar o sétimo dia sôbre a mesma base!

Continuemos a consideração do arrazoado de Walter Martin: "A fragilidade da posição dêles consiste em basearem seu argumento numa tradução inglêsa em vez de no original grego. Ao ler o segundo capítulo de Marcos e o primeiro capítulo de Apocalipse, em grego, percebe-se que semelhante interpretação não é inerente à estrutura gramatical. O grego de S. Marcos 2:28 indica claramente que Cristo não pretendia dizer que o sábado era Sua *possessão* (o que os adventistas gostariam de poder provar); antes, estava dizendo que como Senhor de tudo, podia fazer o que bem entendesse no sábado. O grego é bastante explícito aqui.

"Nada poderia ser mais claro tanto no contexto como na construção gramatical. Em Apo-

calipse 1:10 o grego não é o genitivo de posse, o que teria sido necessário para fazer *te-kuriske* (do Senhor) combinar com *hemera* (dia).” — Página 151.

Não fundamentamos nossa interpretação apenas no inglês. Examinemos estes textos e as declarações de Walter Martin a respeito dêles. Antes de mais nada, os adventistas não desejam dar por assentado que em S. Marcos 2:28 a frase “do sábado” é um genitivo de posse, nem que “o sábado era Sua possessão,” conforme declara o Sr. Martin. Não afirmamos que Cristo era “possuidor” do sábado mais do que os defensores do domingo falam d’Ele como “possuidor” do domingo. Por outro lado, ao afirmar o Sr. Martin que o grego é bastante “explícito” em que a frase “do sábado” não é um genitivo de posse, estranhamos sua positividade, pois qualquer estudante novato de grego sabe que não é possível dizer de que espécie é o genitivo em grego. Nessa língua há genitivos objetivos e subjetivos, genitivos de posse, origem, relação, descrição, tempo, lugar, referência, aposição, bem como outros. Todos êles têm exatamente a mesma forma e são pronunciados da mesma maneira. Com base no grego, a despeito do que afirma o autor, não é possível dizer que espécie de genitivo Marcos tinha em mente ao traduzir as palavras de nosso Senhor, do aramaico para o grego. Isto pode ser determinado apenas pelo contexto, e neste caso excelentes sábios amiúde discordam um do outro. O autor está afirmando coisas em demasia, e temos certeza de que ninguém que entende o grego aceitará seus argumentos.

Pessoalmente, estamos concordes com o Sr. Martin em que aquêle não é um genitivo de posse. Quem disse que era? Achamos ser um genitivo objetivo, significando que “o substantivo no genitivo recebe a ação, estando pois relacionado como objeto à idéia verbal contida no substantivo modificado” (H. E. Dana e Julius R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament*, págs. 78 e 79). Isto indica simplesmente que o sábado (que está no genitivo) recebe a ação do domínio de Cristo. Ele criou o sábado. Governa-o. Declara o que deve ser feito nesse dia. Ordenou que os homens o guardassem como dia sagrado, e por Seu próprio exemplo o observou como devia ser observado (S. Lucas 4:16). O mandamento do sábado é um mandamento de Cristo, e Ele nos diz: “Se Me amais, guardareis os Meus mandamentos” (S. João 14:15).

Não obstante, o Sr. Martin afirma que “ao ler o segundo capítulo de Marcos e o primeiro capítulo de Apocalipse, em grego, percebe-se que semelhante interpretação não é inerente à estrutura gramatical.” Acaso quer êle dizer que em virtude de “Senhor também do sábado” em S. Marcos 2:28 ser uma forma genitiva, e “dia do Senhor” em Apocalipse 1:10

ser uma forma adjetival num caso diferente, que os dois dias não podem ser o mesmo? Querá indicar que a expressão “no dia do Senhor” (Apo. 1:10) teria de estar no genitivo para referir-se ao sábado? Parece que êle desejava que o leitor tivesse essa impressão. Isso não é verdade de maneira alguma. Numa proposição em grego, o caso da frase é determinado por seu emprêgo na proposição, e em Apocalipse 1:10, onde se faz alusão a “em” certo dia, não poderia ter sido usado outro caso fora o locativo, como de fato sucedeu. Quer o autor empregasse uma construção genitiva ou adjetival, era tão-somente uma questão de escolha.

Com efeito, muitos entendidos afirmam que Apocalipse 1:10 não se refere ao sábado nem ao primeiro dia da semana, mas sim a qualquer dia da semana. Pensam que João estava dizendo: “Achei-me em espírito num dia senhorial” ou “num dia imperial,” e ela poderia muito bem ser traduzida desta maneira. É possível que João estivesse em visão num dos feriados instituídos em homenagem ao aniversário do imperador ou ao dia de sua ascensão ao trono. Esta frase certamente não era usada em relação ao primeiro dia da semana, pois “é princípio reconhecido do método histórico, que uma alusão só deve ser interpretada sob o aspecto de evidências anteriores ou contemporâneas a ela na questão do tempo, e não por dados históricos de um período mais recente. Este princípio tem importante relação com o problema do significado da expressão ‘Dia do Senhor,’ como ela aparece na passagem sob consideração. Embora esta expressão ocorra freqüentemente nos escritos dos Pais da Igreja com o significado de domingo, a primeira evidência decisiva de semelhante uso não aparece antes da última parte do segundo século, no apócrifo *Evangelho Segundo Pedro* (9, 12; ANF, Vol. 9, pág. 8), onde o dia da ressurreição de Cristo é denominado o ‘dia do Senhor.’ Sendo que êste documento foi escrito pelo menos três quartos de século após João haver escrito o Apocalipse, êle não pode ser apresentado como prova de que a frase ‘dia do Senhor’ no tempo de João se referisse ao domingo. Poder-se-ia citar numerosos exemplos para mostrar a rapidez com que as palavras são suscetíveis de mudar o sentido. Por conseguinte, o significado de ‘dia do Senhor’ é aí determinado com mais acerto pela referência às Escrituras do que à literatura subsequente.” — *The SDA Bible Commentary*, sobre Apo. 1:10.

Ninguém é capaz de mostrar que nalguma parte as Escrituras declarem que o primeiro dia da semana é o dia do Senhor, mas há numerosas passagens bíblicas que indicam que o sétimo dia é o dia especial do Senhor. — Isaías 58:13; Gênesis 2:3; Êxodo 20:11 etc. De não menor importância é S. Marcos 2:28, onde o leitor sem preconceitos não pode deixar de ver

que Jesus disse que o sábado é o dia do Senhor.

Voltemos, porém, ao argumento do Sr. Martin. Diz êle: "Em Apocalipse 1:10 o grego não é o genitivo de posse, o que teria sido necessário para fazer *te-kuriake* (do Senhor) combinar com *hemera* (dia)." Novamente estamos embaraçados para saber como comentar sobre esta declaração, pois *te-kuriake* concorda com *hemera*. Concorda em gênero, número e caso — tudo em que um adjetivo grego pode concordar com o substantivo que modifica. Evidentemente, o Sr. Martin não tornou claro o pensamento que tinha na mente, ou não é suficientemente versado com a língua grega para reconhecer que a concordância gramatical que êle diz ser necessário, aparece realmente ali.

Isto também é verdade a respeito de seu enigmático parágrafo final para esta seção: "Podemos admitir com segurança que se o sábado tivesse tanta importância para os escritores do Novo Testamento; e se, como insistem os adventistas, êle era tão amplamente observado durante os primeiros séculos da igreja cristã, João e os outros escritores das Escrituras o teriam igualado ao dia do Senhor, o primeiro dia da semana."

Confessamo-nos incapazes de achar qualquer sentido neste parágrafo. Se o sábado era amplamente observado durante os primeiros séculos, por que iria João e outros escritores das Escrituras igualá-lo ao primeiro dia da semana? Não vemos razão ou lógica alguma nesta declaração. Quanto à primeira parte do parágrafo, no sentido de que se o sábado tivesse tanta importância para os escritores do Novo Testamento, por que êles não falaram mais acerca dêle, respondemos o seguinte: simplesmente porque até então ninguém, pelo menos nenhum cristão, observava o primeiro dia da semana. Todos os cristãos nesse tempo guardavam o sábado do sétimo dia — o único sábado de que fala a Bíblia. Não havia problema quanto a isso, e portanto nenhum motivo para os escritores do Novo Testamento fazerem qualquer comentário sobre a presente controvérsia entre o sábado e o domingo. A única dificuldade era que certos cristãos judaizantes consideravam a observância dos reclamos divinos sob um aspecto legalista, como se pudessem tornar-se mercedores da aceitação divina por meio destas observâncias. Os escritores do Novo Testamento trataram fartamente dêste problema, mas não era necessário que escrevessem sobre a questão da observância do domingo, pois esta não existia no tempo dêles.

O Sr. Martin termina esta seção afirmando que os adventistas têm poucas provas escriturísticas para o seu sabadeadorismo. Em resposta a isso, dizemos que numerosas passagens no Novo Testamento indicam que os discípulos e os seguidores de Cristo guardaram o sábado

Lições Diárias para Pessoas Preocupadas

1. Crede em vós mesmos — Sois maravilhosamente dotados.

2. Crede em vosso trabalho — Todo labor honesto é sagrado.

3. Crede neste dia — Cada minuto encerra uma oportunidade para praticar algum bem.

4. Crede em vossa família — Cria harmonia pela confiança e cooperação.

5. Crede em vosso próximo — Quanto mais amigos puderdes ter, tanto mais felizes sereis.

6. Crede na probidade — Não podeis ser mal sucedidos fazendo o que é correto.

7. Crede em vossas decisões — Consultai primeiro a Deus, e prossegui então sem hesitação.

8. Crede em vossa saúde — Deixar de tomar o pulso etc., etc.

9. Crede em vossa igreja — Por vossa presença incentivais outros a frequentá-la.

10. Crede no dia de hoje — O passado é irrevogável; o futuro talvez nunca chegue.

11. Crede na promessa divina — "Estou convosco todos os dias."

12. Crede na misericórdia de Deus — Se Deus vos perdoa, podeis perdoar a vós mesmos. Experimentai de novo amanhã.

— Seletos

do sétimo dia. Não procuramos outra justificativa além desta.

O Testemunho dos Pais da Igreja

"Os Pais da Igreja proporcionam grande acervo de evidências de que o primeiro dia da semana, e não o sétimo, é o dia do Senhor," escreve o Sr. Martin. Digamos de início que não baseamos nosso caso sobre o que afirmam os Pais da Igreja, mas sobre o que as Escrituras declaram.

As citações extraídas dos Pais da Igreja são as que já foram explicadas muitas vezes, e admiramo-nos deveras de que Walter Martin apresente novamente a declaração de Inácio, bispo de Antioquia, que êle cita desta maneira: "Se, então, aquêles que seguem os costumes antigos atingem a novidade de esperança, não mais observando o sábado, mas modelando a vida de acordo com o dia do Senhor em que nossa vida também ressurgiu por meio d'Ele, para que

sejamos reconhecidos discípulos de Jesus Cristo, nosso único mestre." É fato incontrovertível que neste trecho o grego original não contém a palavra "dia." Antes, no manuscrito merecedor de mais confiança, a palavra depois de *kuriake* (do Senhor) é o vocábulo *zoe* (vida). Eis uma correta e literal tradução daquele trecho: "Se, portanto, os que andavam em costumes antigos chegaram a uma nova esperança, não sabatizando mais, mas vivendo de acôrdo com a vida do Senhor, na qual também a nossa vida surgiu por meio d'Ele e Sua morte . . ." O pensamento de Inácio era que os cristãos não deviam mais modelar a vida pelo legalismo judaico, mas sim seguir a vida de Cristo como padrão; pois é mediante o exemplo da vida consagrada e da morte vicária do Senhor, introduzido na mente pela operação do Espírito Santo, que a natureza espiritual do homem pode ser renovada e fortalecida (ver Efés. 2:1-6). É unicamente nesta base que se pode verdadeiramente levar uma vida espiritual de êxito.

Apesar da clara intenção de Inácio, muitos continuam tentando torcer esta passagem para fazê-la referir-se à observância do domingo. É indefensável introduzir a palavra "dia" neste antigo documento sob a alegação de que *kuriake* (do Senhor) nos séculos posteriores foi usado como termo técnico para o domingo. O fato de que o vocábulo *dia* não aparece em qualquer dos manuscritos, mas que a palavra *vida* está ligada com a expressão "do Senhor" nos melhores manuscritos, devia liquidar esta questão. Podemos observar, no entanto, que é difícil atinar com o exato texto grego como foi escrito por Inácio. As Epístolas de Inácio ora existentes foram grandemente modificadas e interpoladas. Os eruditos reconhecem que partes das cartas de Inácio são falsificações. A breve recensão, que os eruditos admitem representar mais estritamente o verdadeiro Inácio, não existe em parte alguma numa forma genuína (*The Apostolic Fathers*, Vol. 1, pág. 168. The Loeb Classical Library). Compete a todos os eruditos cuidadosos abster-se de usar Inácio como prova ou apoio para qualquer doutrina. Por mais difundida que seja, aquela desvirtuada passagem da suposta Epístola de Inácio, por certo não reforça a posição do Sr. Martin.

Ele cita também da falsificada Epístola de Barnabé, que empregou o requisito cerimonial e judaico da circuncisão que ocorria uma vez na vida de um judeu, no oitavo dia de sua existência, como argumento para a observância do domingo, que seria o oitavo dia da semana. Este argumento especulativo e impregnado de gnosticismo é sem dúvida um frágil fundamento para a observância do domingo. É evidente, po-

rém, que o anti-semitismo induziu os cristãos numa época muito remota a desejarem desligar-se do sábado do sétimo dia, preferindo prestar culto no primeiro dia da semana para evitar serem classificados como judeus. Os primitivos dirigentes cristãos que, para escapar da perseguição, favoreceram êste costume, encontraram na ressurreição de Cristo no primeiro dia da semana um débil apoio para se afastarem do inequívoco mandamento divino concernente ao sábado. Entretanto, não existe absolutamente uma partícula de apoio bíblico para a observância do domingo. Nós adventistas não usamos colocar o costume de alguns dirigentes de igreja acima das claras ordens das Escrituras Sagradas.

Citações Autorizadas

O Sr. Martin alega que enfraquecemos nossa posição por citar eruditos que, embora afirmem em suas obras publicadas que não existe evidência bíblica para a mudança do sábado para o domingo, êles próprios guardam o primeiro dia da semana e argumentam em outras partes em favor de sua observância (página 155). Não é fraqueza de nossa parte o serem os eruditos incoerentes com suas próprias afirmações. Alguns dêles admitem que a Bíblia não defende o primeiro dia da semana, mas adotam a opinião de que os Dez Mandamentos foram pregados na cruz e que, portanto, a observância do sétimo dia não é obrigatória aos cristãos. Asseveram que a igreja cristã possui autoridade para ensinar os cristãos a guardar o primeiro dia da semana em homenagem à ressurreição de Cristo.

Sustentamos que a cruz de Cristo não modificou a vontade de Deus no tocante ao dia que Ele deseja que Seus filhos observem. O Senhor fez o sábado para o homem, e não somente para os judeus. Era a vontade e o plano de Deus que Seus filhos observassem o sétimo dia como o memorial de Seu poder criador. Conquanto fôsse necessário que Cristo morresse na cruz a fim de serem perdoadas as transgressões da humanidade e os homens recebessem incentivo e poder para levar uma vida cristã, isto de maneira alguma significava a instituição de um dia diferente de culto. Nós cristãos não guardamos a lei de Deus para granjear nossa salvação. Confiamos em Cristo para a nossa justiça como um dom gratuito, mas em razão de haver Ele dito: "Se Me amais, guardareis os Meus mandamentos," prazerosamente cumprimos Sua vontade; e cremos que Sua vontade está expressa no Decálogo bem como em outras partes das que a humanidade conhece desde o início da

Escrituras Sagradas. Afirmamos que a igreja não possui autoridade para ordenar que os cristãos observem o primeiro dia da semana, e que o ato de ela fazer isto, põe-na em oposição aos claros ensinamentos da Palavra de Deus.

Criação no Sábado

Em seu esforço para mostrar que os adventistas do sétimo dia estão errados em asseverar que a igreja cristã deve observar o sábado do sétimo dia, o Sr. Martin ataca nosso ponto de vista sobre a semana da criação. Declara êle: "Sem dúvida, uma razão fundamental de sua tenacidade é que sua teoria acêrca do sábado sofreria verdadeiro revês caso pudesse ser demonstrado bíblica e cientificamente que os dias da criação foram na realidade eras ou longos períodos de tempo durante os quais se formaram as grandes estruturas geológicas da Terra." Página 157. Nisto o Sr. Martin está certo. Acreditamos que o sábado do sétimo dia existe como memorial do poder criador de Deus em aprontar a Terra como habitação do homem em seis dias literais de vinte e quatro horas, e por acrescentar o sétimo como dia de descanso e culto por parte do homem, estabelecendo portanto um ciclo semanal pelo qual desejava que a humanidade orientasse a vida. Não examinaremos aqui as evidências científicas relativamente à idade da Terra. Apenas queremos destacar que os métodos que os cientistas usam para demonstrar a grande idade da Terra e dos materiais orgânicos que existem sobre ela, baseiam-se na teoria da uniformidade da qual não há quaisquer provas científicas. O Sr. Martin põe-se firmemente ao lado dos que não crêem que a semana da Criação tivesse dias de vinte e quatro horas. Êle cita com aprovação um outro autor que diz: "A questão é: que ensinam as Escrituras a respeito da duração dos dias criativos descritos em Gênesis 1:1 a 2:4? Esta é principalmente uma questão de hermenêutica e exegese." Êle tem razão; esta é a questão aí, não as teorias dos cientistas. Os cientistas posuem indícios, mas não provas absolutas quanto à idade da Terra. Restrinjamos, pois, nossas considerações à Bíblia. O Sr. Martin defende que a palavra "dia," usada em Gênesis 1, é figurada, e representa um período de tempo de duração indeterminada. Perguntamos-lhe então qual é o significado das declarações bíblicas em Gênesis 1: "Houve tarde e manhã, o primeiro dia" etc.? No relato bíblico da semana da Criação é absolutamente claro que os dias mencionados consistiam de um período de escuridão seguido por um período de luz. O fato de que cada um dos seis dias é descrito pelas expressões: "Houve tarde e manhã, o dia segundo," e "houve tarde e manhã, o dia terceiro" etc., certamente confirma terem sido dias do tipo

que a humanidade conhece desde o início da História. Afirmar que êstes dias eram figurados e de duração indeterminada, e ainda pretender que êste ponto de vista está baseado em sólida hermenêutica e exegese, não deixa estupefatos. O contexto e a construção gramatical de Gênesis 1 com certeza indicam dias exatamente iguais aos que conhecemos agora. Além disso, recorrer ao Salmo 90:4 ("Pois mil anos, aos Teus olhos, são como o dia de ontem que se foi") e introduzir isto numa consideração sobre Gênesis 1, em que nos é dito que o dia se compunha de tarde e manhã, é por certo uma hermenêutica duvidosa. Afirma o Sr. Martin: "É difícil de ver como êste quarto dia poderia ter sido um dia literal de 24 horas," todavia, dissera êle antes: "Naturalmente, sabemos que Deus podia haver criado a Terra em seis dias literais." Caso creiamos que Deus poderia haver criado a Terra em seis dias literais, parece evidente que cabe ao cristão aceitar o óbvio significado do relato de Gênesis 1, fazendo êle alusão a dias bem semelhantes aos que conhecemos agora.

Nossas alegações fundamentam-se na teoria da Criação literal em dias de 24 horas. Como todos os demais ensinossos, nossa doutrina sobre o sábado baseia-se na Palavra de Deus e não nas teorias dos cientistas. Embora reconheçamos que Gênesis 1 não se destinava a ser um completo relatório científico da Criação, não cremos ao mesmo tempo que o claro intento de Gênesis 1 seja inexato. Temos a convicção de que esforçar-se por transformar os dias do primeiro capítulo de Gênesis em períodos vagos e indeterminados força o sentido bíblico, e que tais ensinossos colocam as afirmações dos cientistas acima da Palavra de Deus. A palavra final da ciência ainda não foi proferida relativamente à idade da vida sobre a Terra, e preferimos permanecer ao lado do nítido escopo da Palavra de Deus e apoiar nossa opinião sobre ela. Acha-mos que isto é muito melhor do que contentar-se com as vagas alusões e insinuações, semelhantes às que aparecem no seguinte trecho do Sr. Martin: "Em vista das evidências tiradas da ciência natural e certas aplicações correntes do hebraico do relato de Gênesis, a argumentação adventista para um sábado literal de 24 horas como perpétuo ou eterno 'sêlo' do poder criador de Deus, assenta sobre um fundamento instável." Por certo, desejaríamos que em vez de confiar em vagas alusões a usos gramaticais ou sintáticos do hebraico ou grego, o Sr. Martin fôsse mais definido e aparecesse com um forte argumento tirado do hebraico ou do grego para apoiar suas teorias. Afigura-se-nos que, devido à falta de conhecimento profundo das línguas bíblicas, tenta-se recorrer a vagas generalizações.

Walter Martin e a Natureza do Homem - II

D. E. MANSELL

Pastor na Associação da Nova Inglaterra do Sul



QUATRO incidentes bíblicos são apresentados em seguida para provar que a alma é consciente após a morte: A morte de Estêvão, as palavras de Jesus ao ladrão, a presença de Moisés no Monte da Transfiguração e a experiência de Saul em En-Dor. Examinaremos cada incidente em separado.

Na página 128 é feita a declaração de que o ato de Estêvão entregar o seu espírito (*pneuma*) nas mãos do Senhor Jesus Cristo, “estabelece o fato de que a natureza imaterial do homem é independente de seu corpo.” Concordamos que na morte algo imaterial deixa o corpo, mas prova isto que esse algo é uma entidade consciente? Cremos que não, pelas seguintes razões: Quando Jesus morreu, Ele entregou o Seu espírito (*pneuma*) nas mãos do Pai. Segundo o ponto de vista dualístico a respeito do homem que o Sr. Martin evidentemente aprova (ver a pág. 119), a alma ou o espírito é o “homem real,” sendo o corpo simples tegumento ou estrutura. Portanto, de acordo com esta opinião, quando Jesus morreu, Seu corpo foi tirado da cruz e colocado no túmulo de José, mas o “homem real,” que o Sr. Martin prefere chamar de “unidade” (pág. 128) ou “entidade espiritual” (pág. 121), partiu para estar com o Pai. Se fôr assim, quão estranho que “três dias” mais tarde declarasse Ele explicitamente: “Ainda não subi para Meu Pai” (S. João 20:17). Consoante a teoria do Sr. Martin, Ele ascendera à presença de Seu Pai na tarde da sexta-feira. Concluimos, portanto, que o espírito (*pneuma*) que abandona o corpo por ocasião da morte não é o “homem real.” Cremos ser êle o espírito (*ruach*), ou “fôlego de vidas” (tradução literal) que Deus “deu” (Ecles. 12:7) ao homem no princípio, e que Ele outorga a toda as criaturas viventes (comparar Gên. 2:7 com o cap. 7:22 e o Salmo 104:29 e 30). Quando o homem morre, êste princípio de vida volta a “Deus que o deu,” o corpo retorna “à terra,” e “naquele mesmo dia perecem os seus pensamentos [uma parte integral do estado consciente]” (comparar Ecles. 12:7 com o Sal. 146:4). Vemos assim que o Sr. Martin não tem fundamento escriturístico para aceitar que a parte imaterial do homem, chamada espírito, que Estê-

vão confiou nas mãos de nosso Senhor, era uma entidade consciente.

A respeito de S. Lucas 23:43, afirma o Sr. Martin que Jesus “nunca qualificou” as palavras “em verdade te digo,” “pois a qualificação era desnecessária” (pág. 129). Ora, pode ser certo que em nenhuma outra parte está registrado que Jesus qualificasse estas palavras, mas isto não prova que, por essa razão, elas eram desnecessárias na ocasião em que Jesus as proferiu ao ladrão arrependido. Achamos serem necessárias, devido às circunstâncias incomuns sob as quais foram proferidas. Não somente isso, mas o texto original, traduzido e interpretado em harmonia com nosso ponto de vista, não é ridiculamente pleonástico, como alega o Sr. Martin. Diz o texto original: *amen lego soi semeron met' emou ese ento paradeiso*, e pode ser traduzido: “Em verdade te digo, hoje estarás comigo no paraíso,” ou “Em verdade te digo hoje, estarás comigo no paraíso.” A gramática grega permite que o advérbio “hoje” qualifique o verbo *lego*, “digo,” ou o verbo *ese* [*ei-mi*], “estarás.” Não há redundância em qualquer destas traduções. Preferimos pôr uma vírgula depois do advérbio “hoje,” para que qualifique o verbo “digo.” É evidente que o Sr. Martin prefere fazer o advérbio qualificar o verbo “estarás.” Não suscitamos objeção ao seu *direito* de interpretar esta passagem dessa maneira, mas opomo-nos à sua afirmação de que ela só pode ser interpretada assim e que isto por conseguinte prove que a alma tem uma existência consciente após a morte.

Quanto a Moisés e a transfiguração, o Sr. Martin declara que os adventistas não têm razões para dizer que Moisés apareceu naquela ocasião em seu corpo resuscitado, pois Judas não afirma que Moisés resuscitou dos mortos. Ele conclui ser portanto “evidente que a alma de Moisés apareceu a nosso Senhor” (pág. 129). Isto é surpreendente. Em essência, o Sr. Martin está declarando que devido a Judas 9 não dizer que o corpo de Moisés foi resuscitado, êle provou destarte que foi sua alma que apareceu. A dificuldade está em que o Sr. Martin não demonstrou que a alma possui existência consciente após a morte, e o texto sob consideração nem sequer menciona a palavra *alma*. Mais uma vez o Sr. Martin toma por certo o que carece de prova.

Ora, conquanto seja verdade que Judas 9

não afirma que o corpo de Moisés foi resuscitado. não se pode negar que esta passagem faz referência a seu corpo. Judas 9 declara que "o arcanjo Miguel" "contendia com o diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés;" e I Tessalonicenses 4:16, a única vez além daquela em que a palavra "arcanjo" aparece na Bíblia, diz que "o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do Arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo resuscitarão primeiro." Não vemos por que Paulo faça referência ao Arcanjo, a não ser que o Arcanjo seja o Ressuscitador dos mortos. Concluímos portanto que Moisés ressuscitou corporalmente na ocasião em que Miguel, o arcanjo, disputou com o diabo. A evidência mais forte é pois em favor da suposição de que Moisés apareceu a nosso Senhor em seu corpo resuscitado. Não existe o mais leve indício de que era a alma de Moisés.

Em I Samuel 28:7-19 encontra-se o registro da visita de Saul à mulher de En-Dor, que "tinha o espírito de feiticeira." O Sr. Martin alega que "todos os pormenores" deste relato "indicam que Samuel em sua natureza espiritual dirigiu-se a Saul. Em parte alguma é sequer insinuado que não era Samuel, e qualquer tentativa de estabelecer o que o texto hebraico simplesmente não admite é evidência de que se deixou de reconhecer o princípio hermenêutico da interpretação reger o processo da correta exegese" (págs. 130 e 131). Em primeiro lugar, cremos que uma comparação do relato da entrevista de Saul em I Samuel com a tradução literal de I Crônicas 10:13 admite que um "espírito familiar," não Samuel, comunicou-se com Saul. Em I Samuel 28:7 é dito que Saul pediu aos seus servos que buscassem "uma mulher que tenha o espírito de feiticeira," literalmente "uma mulher que é possuidora dum espírito familiar" (Hebraico: *'esheth ba'alath 'ób*); mas em I Crônicas 10:13 é declarado que Saul "consultou um espírito familiar, para indagar" (tradução literal. Hebraico: *lish'ól ba'ób lidrôsh*). O texto original por certo admite a interpretação de que Saul consultou o próprio espírito familiar. Cremos que este espírito familiar personificou a Samuel e que ao chamar o espírito familiar de "Samuel," o escritor de I Samuel está apenas usando uma linguagem aparente.

Em segundo lugar, I Samuel 28:6 declara que Saul consultou o Senhor, mas I Crônicas 10:14 afirma que ele não consultou o Senhor. Não é razoável que Deus, o qual não respondeu a Saul "nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas" (I Samuel 28:6), fôsse responder-lhe por meio de alguém que era uma abominação para Ele (comparar com Levítico 19:31; 20:6 e 27; Deuteronômio 18:10 e 11; I Samuel 28:3; Isaías 8:19). Por conseguinte, concluímos que Deus não estava respondendo a Saul mediante o suposto "Samuel." Saul não

estava consultando o Senhor quando falou com o espírito familiar.

Em terceiro lugar, é estranho que se por ocasião da morte, como ensina o Sr. Martin, os crentes vão "para a presença do Senhor" (página 128), e os descrentes "para um lugar de castigo" (*ibidem*), que Samuel houvesse subido "da Terra" (I Samuel 28:13 e 14. Comparar com os versos 11 e 15), ou que Saul fôsse estar com Samuel, após cometer suicídio (verso 19). Isto simplesmente não tem sentido.

Acreditamos que uma doutrina baseada sobre o duvidoso fundamento de uma proibida entrevista com um inimigo de Deus, não seja prova de que "Samuel em sua natureza espiritual se comunicou com Saul."

III. Inferno e Punição Eterna

Consideraremos agora a questão de se os descrentes serão atormentados eternamente no inferno. Concordamos com o Sr. Martin em que "o pensamento da interminável agonia de os seres racionais entenderem plenamente sua lastimosa condição, é tão apavorante que foge à compreensão" (página 138). É mais do que apavorante; achamos que é contrário às Escrituras.

O tormento eterno apóia-se sobre a conjectura de que Deus concedeu a todos os homens, independentemente do caráter deles, almas que Ele nunca reduzirá à inexistência. Esta suposição, como já foi demonstrado, está em desacordo com a Bíblia, pois nenhuma vez em toda ela é a alma ou o espírito do homem relacionado da maneira mais remota com a idéia de eternidade. Não podemos salientar este ponto tão enérgicamente como é preciso.

Concordamos inteiramente com o Dr. Hodge, que o Sr. Martin cita como autoridade: "As palavras hebraicas e gregas traduzidas em nossa versão por 'eterno' ou 'perpétuo,' significam uma duração cujo término é desconhecido" (página 131). Também concordamos com ele ao dizer que: "Quando usadas em relação a coisas perecíveis, como ao falar a Bíblia de 'colinas perpétuas,' elas simplesmente indicam existência indefinida para a qual não há limite conhecido ou determinável" (página 131 e 132). Não estamos de acordo com ele ao dizer, sem qualquer prova bíblica, que a "alma humana" possui "existência interminável," pela simples razão de que as Escrituras não afirmam isto, embora os vocábulos *alma* e *espírito* sejam empregados mais de 1.600 vezes na Bíblia. Pelo contrário, as Escrituras declaram coerentemente que toda a existência, inclusive a existência consciente, depende inteiramente do poder mantenedor de Deus (Atos 17:28; S. João 1:3 e 4; Colossenses 1:16 e 17; Hebreus 1:3; Neemias 9:6; Salmo 36:9 etc.) Concluímos portanto que as palavras "eterno" e "perpétuo," ao serem

aplicadas ao homem, significam uma existência para a qual não há limite designável. Sômente Deus é eterno no sentido absoluto. Tôdas as outras coisas devem sua origem e continuada existência a Ele. No caso dos justos, "eterno" e "perpétuo" têm a significação de "infindável," não porque possuam almas que sejam "eternas por criação" (pág. 132), mas em virtude de se haverem tornado "co-participantes da natureza divina" (II Pedro 1:4) por meio da fé em Cristo. Os descrentes não participam dessa natureza.

Encarados sob êste aspecto, os versos 41 e 46 de S. Mateus 25 não constituem um dilema para os adventistas. Quando os descrentes forem lançados no "fogo eterno," eles serão punidos por tempo indefinido mas limitado. Em razão de não participarem da "natureza divina," são perecíveis, e as palavras "eterno" e "perpétuo," quando aplicadas a eles, têm simplesmente o sentido de "duração cujo término não é conhecido." Por outro lado, como os justos são participantes da natureza divina que é impercível, as palavras "eterno" e "perpétuo" significam duração interminável.

S. Marcos 9:47 e 48 não oferece dificuldade. A expressão: "Onde não lhes morre o verme," é obviamente uma figura de linguagem, e aceitamos o parecer do Sr. Martin de que "não se deve estabelecer uma doutrina baseando-se numa figura de linguagem" (pág. 121); por conseguinte, rejeitamos sua explanação da doutrina do tormento eterno estribada neste texto.

II S. Pedro 2:9 é citado em defesa da doutrina do castigo consciente dos descrentes no estado intermediário. O contexto desta passagem mostra que Pedro está-se referindo ao castigo e à absolvição na vida atual. Nos versos que precedem imediatamente a passagem sob consideração, o apóstolo menciona diversos exemplos de retribuição divina na vida presente, a saber, os anjos que pecaram, os antediluvianos e os pecaminosos habitantes de Sodoma e Gomorra. Ele também menciona dois exemplos de libertação na vida presente — Noé e sua família, e Ló. O apóstolo chega então à conclusão: "Assim, sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos, e reservar os injustos para [grego: *eis*] o dia de juízo, para serem castigados." Ninguém porá em dúvida o fato de que os piedosos não precisam ser livrados da provação após a morte; portanto, isso deve referir-se à sua libertação nesta vida. Visto que o contexto demonstra que Pedro está-se referindo ao castigo e à libertação na vida presente, parece razoável concluir que a última parte do verso 9 também se refere ao castigo dos injustos na vida presente, e não após a morte.

Sem admitir primeiro a existência consciente no estado intermediário, não há motivo para crer que o apóstolo faça alusão ao castigo consciente no intervalo entre a morte e o juízo. Con-

seqüentemente, antes que o argumento do Sr. Martin, baseado neste texto, possa confirmar o tormento consciente no estado intermediário, precisa êle provar primeiro que há existência consciente no estado intermediário. Afirmamos que não é capaz de fazer isto.

IV. O Inferno e o Castigo no Nôvo Testamento Grego

Nesta derradeira seção, procura o Sr. Martin fundamentar sua crença no tormento eterno sobre as palavras gregas usadas para descrever o castigo dos descrentes. Começa citando S. Mateus 5:22 e 10:28: "Quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno [*gehenna*] de fogo." "Temei antes Aquêle que pode fazer perecer [*apolesai*] no inferno [*gehenna*] tanto a alma [*psuche*] como o corpo [*soma*]." O Sr. Martin declara que *gehenna* "descreve um lugar de castigo para os perdidos," e *apolesai* [*apollumi*], que é ligado com êle em S. Mateus 10:28, significa "ser entregue a eterna miséria." Disto infere êle que *gehenna* "simboliza eterna separação e castigo consciente da natureza espiritual dos homens não regenerados" (página 135). A comparação de S. Mateus 10:28 com esta declaração demonstra que o Sr. Martin interpreta "alma" no sentido de "natureza espiritual."

Nossa primeira pergunta é: Do que a alma, ou a natureza espiritual, se separa eternamente quando o homem não regenerado é lançado no inferno? Na página 128, o Sr. Martin responde que a "natureza imaterial do homem (alma e espírito) é separada do corpo (S. Mateus 10:28; S. Lucas 8:55; I Tessalonicenses 5:23; Hebreus 4:12; Apocalipse 16:3); que ela é independente da forma material do homem, e aparta-se desta forma por ocasião da morte, para ir à presença do Senhor (Filip. 1:23), ou para um lugar de castigo (S. Lucas 16)." Isto torna bem evidente que o Sr. Martin crê que a alma, ou a natureza espiritual, se separa do corpo quando o homem não regenerado é "lançado" dentro do "Inferno" (ver a página 131).

A segunda pergunta é: Visto que *apollumi* está gramatical e contextualmente ligado com o corpo bem como com a alma, por que ignora o Sr. Martin a aplicação de *apollumi* ao corpo na conclusão que tira? Achamos que é porque a definição "ser entregue a eterna miséria," dada a *apollumi*, implica em estado de consciência, e seria absurdo entregar o corpo a eterna miséria estando êle eternamente separado da natureza espiritual, que se supõe ser a parte consciente do homem. Ele procurou evitar esta cilada, passando o corpo simplesmente por alto. Destarte evitou uma incoerência, mas invalidou seu argumento.

Quanto a Isaiás 66:24 ensinar o castigo eterno, repetimos que "não se deve estabelecer uma

Gemas do Pensamento

"Não existe pessoa alguma que não aumente ou diminua o conteúdo total da felicidade humana." — The Ministry.

"Quem não deseja aprender de ninguém mais do que de si mesmo, adotou um néscio como professor." — Sunshine Magazine.

"A verdadeira liberdade não consiste apenas em ser livre de alguma coisa, mas também em ser livre para alguma coisa." — The Ministry.

"A praga do cristianismo tem sido a paixão da Teologia em definir o que Deus não definiu e descobrir o que Ele conservou em segredo." — HENRY VAN DYKE.

"Quem ajuda a seu semelhante a passar um rio não tarda a estar na margem oposta." — PROVÉRBO CHINÊS.

"É o coração e não a razão que sente a Deus." — PASCAL.

"A contemplação da verdade é uma das únicas felicidades puras desta vida que não são perturbadas por dissabor algum." — DESCARTES.

"Se quereis que vossos vizinhos saibam o que Cristo fará por eles, deixai-os ver o que Cristo tem feito por vós." — FRANK S. MEAD.

"A imaginação é o departamento de pesquisa da alma. Sem imaginação, nossa fé nunca produzirá muita coisa. Nossa entrega a Jesus Cristo só se torna significativa quando Lhe permitimos assumir a direção de nossas imaginações." — GUILHERME B. BARKER.

doutrina baseando-se numa figura de linguagem" página 121).

O segundo texto que o Sr. Martin apresenta para defender a doutrina do tormento eterno é II Tessalonicenses 1:8 e 9. Ele afirma que a palavra *olethros*, traduzida por "destruição" devia realmente ser traduzida por "ruína," e que portanto os ímpios são arruinados mas não destruídos. Então ele prossegue para traçar uma analogia entre uma lâmpada elétrica desligada e a "destruição" dos ímpios, alegando que embora a função da lâmpada é destruída, o vidro permanece. A dificuldade com esta analogia está em que o Sr. Martin inverteu os elementos nela.

Segundo sua teoria o corpo é material e a alma imaterial. A fim de ser coerente, o corpo devia ser análogo ao vidro, e a alma à função da lâmpada, e não em sentido inverso, como ele o fez. Os adventistas do sétimo dia sustentam que quando o corpo é desfeito pela morte, a consciência, que é a função da alma, cessa. Daí a necessidade duma ressurreição tanto de justos como de injustos (S. João 5:28 e 29; Atos 24:15). Se a alma ou espírito possui existência consciente separada do corpo, por que haver ressurreição? Não somente isto, mas que motivo existe para a segunda vinda ou o juízo geral? Vemos assim que o Sr. Martin ainda se apega à falsa suposição de que a alma é eterna por criação.

O vocábulo grego *basanizo*, que aparece em Apocalipse 20:10 (também em S. Mateus 8:6 e 29; S. Marcos 5:7; S. Lucas 8:28; Apocalipse 14:10 e 11), é apresentado em seguida como evidência de que os ímpios sofrerão eterno "tor-

mento' consciente" (pág. 137). O Sr. Martin declara então que por meio deste texto "é aniquilada a própria teoria da aniquilação ou, como dizem os adventistas, da destruição final" (página 137).

Parece-nos um tanto esquisito que ele fale com tanta certeza em relação a Apocalipse 20:10 e 14:10 e 11, se poucas páginas antes confessou: "A Bíblia não nos esclarece a natureza do inferno e do lago de fogo tão vividamente registado no livro de Apocalipse" (página 131). Ahamos que por meio desta confissão ele aniquilou na realidade sua pretensão de haver destruído nossa doutrina.

Não é necessário comentar S. Mateus 8:6 e 29; S. Marcos 5:7 e S. Lucas 8:28, pois é fora de dúvida que *basanizo* significa tormento consciente; contudo, deve ser salientado que esta palavra não tem o sentido de tormento eterno. Sendo que a frase "para todo o sempre" (grego: *eis tous aionas ton aionon*, ou *eis aionas aionon*), como as palavras "eterno" e "perpétuo," se aplicam aos ímpios que não são imperecíveis por natureza, deduzimos que as expressões no Apocalipse que dizem respeito ao tormento dos ímpios, são de duração desconhecida, mas limitada.

O último ponto gramatical apresentado em favor da teoria do tormento eterno é a palavra *permanece* (grego: *menei*) que se encontra em S. João 3:36. Este texto é ligado a Romanos 2:8 e 9 e Apocalipse 14:10, sendo tirada a conclusão de que a ira de Deus continua a operar eternamente sobre os ímpios.

Antes de mais nada, a palavra grega *menei*,

conquanto possa encerrar a idéia de ação contínua, não inclui necessariamente o sentido de eterna ação contínua; é óbvio que isto é deduzido de Apocalipse 14:10, o que, conforme já salientamos, significa aceitar que a alma é eterna por natureza. Por conseguinte, o argumento baseado em S. João 3:36 é nulo. Cremos que a ira de Deus permanece continuamente sobre os ímpios até haverem sido punidos de acordo com suas obras.

Conclusão

Resumindo: O Sr. Martin começa sua tentativa de estabelecer a existência consciente após a morte, provando que os justos possuem vida eterna. Falhou nesse sentido, pois não demonstrou que a vida eterna sempre incluía o companheirismo consciente ou que ela encerre essa idéia nas passagens que alega apoiarem sua argumentação.

O segundo grupo de argumentos está baseado nas palavras bíblicas *alma* e *espírito*, que êle apresenta como evidência de que a "natureza cognoscitiva e imaterial" do homem subsiste como entidade consciente após a morte do corpo. Falhou nesse sentido, pois as palavras *alma* e *espírito* têm muitos significados além de "consciência" ou "conhecimento," e êle não provou que êste é o significado nos textos que cita como prova para seu arazoado.

A terceira e quarta série de argumentos baseiam-se na suposição de que êle tenha afirmado que a alma é eterna por criação. Nisto falhou redondamente, pois as Escrituras ensinam de modo invariável que o homem deve sua existência ao poder mantenedor de Deus, e em parte alguma a Bíblia dá a mínima idéia de que a alma ou o espírito sejam eternos, quer por criação, quer porque o poder de Deus mantenha sua existência eternamente.

Além da evidência escriturística de que o homem não possui eterna existência consciente, achamos indicar a razão que seria insensato e injusto ordenar que o homem precisava ter infundável existência consciente, sem consideração ao caráter. Insensato, porque ao ser o homem criado como livre agente moral, havia a definida possibilidade de que pudesse cair. Injusto, porque havendo caído, êle está irreparavelmente condenado ao tormento eterno pelos pecados de uma vida relativamente curta. O Sr. Martin objeta que não é "correto ou razoável fazer de nossos sentimentos e critérios humanos a medida da essência e atividade de Deus;" respondemos, porém, que se os seres humanos podem julgar entre os benefícios da vida eterna e os infortúnios da condenação eterna, não somos inteiramente incapazes de perceber a grave injustiça de destinar os seres ra-

cionais a interminável agonia pelos pecados cometidos nesta breve vida.

Entretanto, não baseamos nossa defesa apenas na razão. As Escrituras tornam claro que ao terminar a luta entre o bem e o mal, Deus será "tudo em todos" (I Coríntios 15:24-28). Não podemos imaginar como Deus possa estar nos ímpios, ou que Êle seja "tudo em todos," se aos que se rebelaram contra Seu governo é permitido viver eternamente blasfemando do Seu santo nome. Chegamos, pois, à conclusão de que as Escrituras ensinam que a infundável existência consciente só é possível aceitando a "vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor."

A Preeminência de Cristo em . . .

(Continuação da pág. 21)

vel fidelidade de Deus, e não às titubeantes limitações humanas. Não censuramos os apóstolos por seu equívoco, pois vemos a mão divina atrás de tudo isso, conduzindo-os para fora da escuridão. Tampouco censuramos nossos próprios antepassados, pois novamente vemos a mão de Deus guiando-os através de seu desapontamento inicial. O que a princípio era um terrível impecilho, logo se tornou um movimento assinalado pela bênção do Céu.

Eis, portanto, em que consiste a nossa fé: Cristo tem avançado de etapa em etapa em Sua todo-abrangente obra em prol da redenção da humanidade perdida e extraviada pelo pecado. Nenhum aspecto, ou evidência, falhou ou irá falhar. Nossa esperança e nosso triunfo estão inteiramente n'Ele. — *Questions on Doctrine*, págs. 248-251.

O Pregador do Evangelho

(Continuação da pág. 4)

5. Ser modestos. *O orgulho e a vaidade são deméritos que conspiram contra os triunfos da cruz. Aos Seus discípulos, disse Jesus: "Aprende de Mim que sou manso e humilde de coração." S. Mat. 11:29.*

6. Estar dispostos a suportar as dificuldades do ministério, *sofrendo com paciência as fraquezas humanas dos que se opõem ao seu labor. II Cor. 6:4. A via pastoral, é, muitas vezes, pavimentada de incompreensões.*

7. Ser submissos inteiramente à vontade de Deus. *Seus sermões essencialmente bíblicos, devem ter como fundamento as palavras usadas com tanta freqüência, pelos profetas do Velho Testamento: "Assim diz o Senhor."*



A TV e o Evangelismo da Saúde

AMÉRICO CIUFFARDI

Pastor e Evangelista da Divisão Interamericana

TEMOS certeza de que todo o mundo conhece e compreende o enorme impacto da TV sobre o público, seu poder para cativar os sentidos humanos, e sua influência sobre a corrente de opinião das massas. Tudo o que se costuma dizer sobre o cinema, aplica-se à TV, com a incomparável vantagem de constituir esta uma janela aberta para o mundo dentro dos lares, em lugar de ver-se confinada à tela do recinto cinematográfico. E, sem dúvida, tudo quanto se tem dito acerca da nefasta influência do cinema sobre a moral pública, aplica-se igualmente à TV.

Segundo recentes inquéritos efetuados nos EE. UU., a TV passou a ocupar o primeiro lugar na atenção pública entre os meios de comunicação. E isto não quer dizer pouco, quando se inclui a imprensa e o rádio... não só quantitativamente, mas também qualitativamente. Em outras palavras, o público deposita mais confiança e credibilidade no que vê e ouve pela TV, do que no que vê e ouve por outros meios.

Isto coloca o ministério adventista em face de uma situação na qual não se havia pensado há 10 anos, ou mesmo 5. Como podemos embrenhar-nos em tão complexo terreno? Como podemos obter os fundos e o pessoal necessário para dotar a mensagem adventista dos incalculáveis benefícios da TV? Temos logrado considerável êxito no rádio, pela qualidade e difusão de nossos programas, mas que dizer da TV? A nenhum leitor escapará o fato de que os programas de TV custam ingentes somas de dinheiro que no momento não tem sido possível prover em nossas associações, salvo no Brasil e nos EE. UU.

Há, porém, algo que se pode fazer e que se está fazendo já em certas capitais e cidades principais, como Buenos Aires, Montevideu, São Domingos, Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. Isto é, oferecer um programa sobre normas do viver sadio para o lar, para o indivíduo, e assuntos de interesse social. O programa pode

ser de apenas cinco minutos ou até de meia hora. Pode assumir a forma de palestra impessoal, conversação informal entre dois indivíduos ou mesa-redonda. Podem ou não ser usadas ilustrações. Pode ser efetuado por pessoal adventista ou incluir ocasionalmente a indivíduos de reconhecida integridade moral e competência profissional, da comunidade.

É óbvio que se requer determinada experiência técnica para levá-lo a cabo, mas amiúde as universidades oferecem cursos breves e gratuitos, de grande benefício. Tive a oportunidade de assistir a um curso assim, a cargo de professores da Universidade de Pôrto Rico, em São Domingos, e certifico que vale a pena o tempo invertido. Por outro lado, os peritos em programação das estações de TV sabem muito bem que para oferecer ao público uma "dieta equilibrada," precisam de uma dose maior de programas culturais, que sejam de palpitante interesse público e que não lhes custem muito, ou melhor nada. (Se o programa é bom, este próprio fato nos proporciona forte argumento para obter uma hora privilegiada.) O programa deve interessar a elevado setor da população. E para isto, que melhor do que um programa oferecido pela Igreja Adventista do lugar, sobre temas de tanto interesse como o lar e a saúde?

Em 17 de julho de 1963 iniciou-se na Divisão Interamericana um modesto experimento neste terreno; o primeiro em seu gênero na obra adventista de língua castelhana, e que produziu ótimos resultados, proporcionando também excelentes ensinamentos. A experiência realçou os seguintes pontos:

1. Podem e devem ser gratuitos (a não ser que a emissora insista em pagar-nos).

2. Proporcionam uma oportunidade de "relações públicas," que não poderia ser comprada facilmente.

3. Devidamente consolidados, constituem uma tribuna inigualável para promover a colporta-

(Continua na pág. 24)

SUGESTÕES - para Sermões



CARLOS E. WENIGER

Seminário Teológico Adventista - Andrews University

A CASO tendes sofrido com o pregador que procura desajeitadamente encontrar seu texto? Ou falha-lhe a memória e não tem apontamentos, ou, sob a tensão, encontra dificuldade em achar o texto. Conheci bem os vossos textos. Conheci bem a sua localização. Às vezes, a fim de facilitar a referência, é útil ter marcadores discretos para identificar a posição de cada texto, de modo que a preciosa passagem possa ser incorporada dignamente no discurso. Estai preparados nestas *pequenas* coisas.

Ali estava êle — “firmando-se para salvar a própria vida” em ambos os lados do púlpito, enquanto lia um trecho da Bíblia e discorria acerca da bondade divina. Resultado: maneira afetada e restrição da normal atitude corporal.

Evitai apoiar-vos rigidamente sobre o púlpito, com uma ou ambas as mãos. Pode ser confortável deixar a mão descansar levemente sobre o púlpito durante curto espaço de tempo, mas há algo relacionado com o firmar-se habitualmente sobre êle, que afeta a livre expressão física. Esta posição é estática. Sêde dinâmicos! Dai vigor às palavras!

“Leio no Volume 3, pág. 209 . . .”, e o pregador passa a ler o trecho de um “livro de percalina marrom.” Naturalmente, nós adventistas do sétimo dia sabemos o que a referência significa, mas conhecem todos os que o ouvem, a fonte de onde êle tirou a citação? Não seria mais sensato reconhecer “o estrangeiro dentro de nossas portas,” e dizer: “Em *Testemunhos Seletos*, de Ellen G. White, Volume 3, página 209 etc.”?

Talvez nossa falta consista em tomarmos por certo o que nunca deveríamos supor — que todos sabem exatamente o que estamos mencionando. Ou dar-se-á o caso de havermos caído num hábito descuidado?

Há os que confundem *eminente* com *iminente*; *vultoso* com *vultoso*; *infligir* com *infringir*; *proeminente* com *preeminente*; *desapercebido*

do com *despercebido* etc. Outros empregam vocábulos estranhos à língua do país em que residem, ou de sentido obscuro e ambíguo.

Para eliminar das alocações públicas as palavras ou frases incorretas, tôscas e confusas, deve-se afastá-las completamente da conversação particular. Cumpre empregar linguagem correta em tôdas as ocasiões. Existe a propensão de realizar em público o que se faz em particular ou no círculo familiar.

Vinte vezes — sim, exatamente vinte vezes durante o sermão que proferia — o pregador pôs a mão no bolso do paletó.

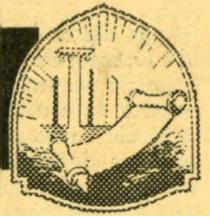
Tendes um maneirismo assim? A menos que semelhante movimento seja intencional, não o façais. Sua monótona repetição pode destruir a força da mensagem que proclamais.

Não comais em excesso. Um estômago cheio pode significar uma cabeça vazia e um cérebro sonolento. Caso vosso corpo esteja habitualmente bem nutrido, não será necessário ingerir muito alimento para aguentar o tempo da apresentação de um sermão. Comei frugalmente, se tomardes alguma refeição antes de pregar. Poucas gramas de alimento contêm energia suficiente para grande esforço mental. Diz-se que Lindbergh voou através do Atlântico ingerindo apenas um sanduíche e meio.

Farta refeição pouco antes da reunião da noite pode redundar em fracasso. Em lugar dela, convém tomar um banho de chuveiro ou fazer alguns exercícios. Sentir-vos-eis melhor e vosso cérebro funcionará com eficiência.

“Dádivas a Deus” — que expressão penetrante! Em vez da palavra “oferta,” o boletim da igreja trazia a frase “Dádivas a Deus.” O Ministro dessa congregação era diligente. Livrara-se da trivialidade que se apodera de tantos ministros.

Pensai um pouco, e procurai reanimar vossa congregação no próximo sábado, apresentando os anúncios num fraseado um tanto diferente.



Alguns Aspectos da Observância do Sábado

Entre os Judeus, Durante a Era Cristã - II

Em Tempos Modernos

I — UM DIA TÍPICO DE SÁBADO OBSERVADO POR JUDEUS DA EUROPA ORIENTAL EM PRINCÍPIOS DE NOSSO SÉCULO 1

O Dia de Preparação

É sexta-feira. Porém, já na quinta-feira as pessoas se apressam em ir ao mercado a fim de comprar aves e peixes para o sábado. Na quinta-feira também é preparada a massa para o *challo*, ou pão sabático.

“É grande mérito religioso levantar cedo na sexta-feira a fim de fazer preparativos para o sábado.”²

Antes de amanhecer é aceso o forno. Quando está pronto, a dona de casa pega um pedaço da massa de pão preparada na noite anterior e o arremessa no fogo enquanto profere uma bênção. Lembra assim o preceito de separar as primícias da massa como presente para o sacerdote. Enquanto a massa se queima, ela recita uma prece de meditação (*t'chinch*), na qual pede a Deus que aceite esse pedaço de massa como sacrifício sobre o altar, que lhe conceda recursos para alimentar a seus amados filhos, que em Sua grande misericórdia a proteja da preocupação e das privações. Depois põe o resto da massa a assar, em forma de pães.

A escola (*cheder*) para as crianças judaicas funciona somente de manhã. O tempo é dedicado principalmente a cantar a seção do Pentateuco e a porção dos profetas correspondentes ao sábado.

Não é servido um almoço formal. Os judeus mais devotos não comem nada desde a manhã até à noite, a fim de desfrutar mais plenamente a comida sabática, na noite, e obter assim maior mérito.

Nas sextas-feiras de tarde, em alguns lares funcionam cozinhas fechadas que cozinham o *cholent*, alimento que sendo preparado na sexta-feira, permanecerá quente ali até ser usado no sábado. Geralmente em cada uma destas

cozinhas é guardado o *cholent* de várias famílias. Conserva-se também água quente, para as bebidas do sábado. A cozinha é selada com argila. Durante o sábado não será aceso fogo algum.

Ao aproximar-se o sábado, os armazéns fecham rapidamente as portas. São retiradas as panelas das cozinhas comuns e se apaga o fogo. A família completa o asseio e o arranjo pessoal. A tranqüila atmosfera do sábado começa a manifestar-se. Todos se preparam para as cerimônias que darão início ao dia seguinte. Já estão sentados na sinagoga alguns judeus anciãos, devotos, cantando trechos do Cantares de Salomão. Um arauto percorre as ruas gritando: “À sinagoga!”

A Recepção do Sábado

Em cada lar, sobre a mesa, há pelo menos dois brunidos candelabros de bronze ou prata. Meia hora antes do pôr do Sol, a mãe põe as velas nos candelabros, acende-as e, cobrindo os olhos com as mãos, repete a bênção: “Bendito seja o Eterno, Rei do mundo, que nos santificou com Seus preceitos e nos ordenou acender as velas do sábado.”⁴

A mesa está coberta com uma toalha branca. À cabeceira há dois pães de trigo, cobertos com primorosa toalhinha bordada com bênçãos e figuras alusivas.⁵ São dois pães, “em memória da porção dobrada de maná que os judeus recolhiam no deserto, à véspera do sábado.”⁶

Os homens, entretanto, estão na sinagoga, onde é celebrado um culto de recepção do sábado. No final da cerimônia, cantam o *Lejá Dodi* — “canção que saúda o sábado como a uma noiva, a uma rainha. Esta poesia deve sua origem a uma tradição que começou há três séculos, quando os cabalistas de Safede, na Galiléia, costumavam sair em procissão, para fora dos muros da cidade, vestidos em trajes de festa, a

fim de dar as boas-vindas ao sábado e acompanhá-lo até suas casas. (Êstes por sua vez se basearam na informação dada pelo Talmude a respeito de certos *amoraim* palestinos do terceiro século de nossa era. Êstes se vestiam às sextas-feiras de tarde com roupas sabáticas e diziam: "Vinde, saíamos ao encontro da Rainha Sábado," ou "Vem noiva, vem noiva!"⁷)

Tomou-se a personificação do sábado ao pé da letra, e um poeta, Salomão al-Kabetz Halevi, residente na Turquia, compôs o *Lejá Dodí*, cujo último verso é cantado ainda hoje:⁸

"Vem em paz, coroa do espôso, com alegria e regozijo; vem para os filhos fiéis do povo predileto; vem amada, vem noiva.

"Vem, amado, ao encontro da noiva; acolhamos a face do sábado!"⁹

Depois de voltarem da sinagoga, saúdam-se uns aos outros em casa com repetidos "Gut Shabbos" (bom sábado). O lar deixa transparecer um aspecto de descanso e felicidade. Pai e filhos andam dum lado para outro da casa, cantando *Shalom Aleichem* (paz a vós, anjos ministradores etc.). É uma saudação aos dois anjos que o Rei Altíssimo, o Rei dos reis, envia para acompanhar cada judeu desde a sinagoga até seu lar, na sexta-feira de noite.

O dono da casa recita em seguida, em honra de sua espôsa, o trecho de Provérbios 31: 10-31.

Depois a família se assenta à mesa, à qual amiúde tem sido convidado um forasteiro pobre. Recita-se o *Kiddush* que expressa a gratidão de Israel a Deus por havê-lo dignificado tributando-lhe o sábado sagrado.¹⁰ Entre a refeição são cantados *z'miros*, e também ao terminar a ceia.

Após a ceia o dono da casa repete a parte do Pentatêuco que corresponde a essa semana (duas vêzes em hebraico e uma vez em aramaico). A espôsa lê o *T'sench Ur'ench* (paráfrase de partes do Velho Testamento, além de relatos etc.), enquanto os jovens lêem histórias ou vão dar umas voltas por breve espaço de tempo.

O Sábado Durante o Dia

Alguns judeus devotos dirigem-se à sinagoga, ao amanhecer, para estudar a Tora, várias horas antes de começarem os serviços regulares.

Os cultos sabáticos na sinagoga são longos. Nêles são lidos trechos dos cinco livros de Moisés, e capítulos escolhidos dos profetas. Sete pessoas lêem a Tora: primeiro um *cohen* (sacerdote, descendente de Arão), depois um *levita* (descendente da tribo de Levi) e então outros 5 israelitas, sem ordem fixa.¹¹

Concluídos os serviços religiosos, regressam para casa. O desjejum e o almoço são servidos praticamente juntos. Canta-se muito durante a refeição.

Depois de uma sesta, êles vão para a Casa do Estudo, a fim de estudar. O estudo é realizado em grupos separados: Bíblia, *Mishnah*, Talmude e outros aspectos do judaísmo. Os jovens passeiam ou brincam. Assim decorre o tempo até às orações da tarde (*minchah*).

Após estas orações, é servida a terceira refeição do sábado, geralmente morna ou já fria (apesar de haver sido guardada na estufa fechada).

Despedida do Sábado

A tristeza começa a apoderar-se de todos, pois a Rainha Sábado está a ponto de partir. Isto se vê claramente na sinagoga onde estão reunidos todos os homens. Existe a crença popular de que as almas obtêm repouso durante o sábado, mas são levadas de volta à *Gehenna* chamejante tão logo termine o sábado.

Esta atmosfera de tristeza cessa a um sinal do arauto, que indica deverem ser iniciadas as cerimônias de despedida do sábado. Estas são atrasadas a fim de prolongar a santidade do dia.

Em casa, entretanto, a espôsa espera até ver três estrêlas juntas no céu, o que indica que o sábado terminou. Recita então o *t'chinch*, acende uma vela e exclama: "Uma boa semana, uma semana inteira, uma semana feliz, para nós e para todo o Israel. Amém."

Chegam os homens, de volta da sinagoga. Em seguida, é realizada a cerimônia da *Havdala* (separação) para simbolizar a diferença entre a santidade do sábado e os dias comuns. Defronte do dono da casa, "sôbre a mesa, encontra-se um prato com um copo cheio de vinho, um cofrezinho com especiarias (canela ou cravo) e uma vela trançada. O pai pronuncia a *berajá* (bênção) sôbre o vinho, sôbre o perfume das especiarias e sôbre o fogo, concluindo com louvores a Deus por haver distinguido entre o sagrado e o profano, entre a luz e as trevas, entre o sábado e os dias de trabalho.¹²

É preparada então mais uma refeição. Ainda restam vestígios do sábado. É como se houvesse partido um hóspede muito querido. Esta quarta refeição é chamada despedida à Rainha Sábado e também Refeição do Rei Davi. O Talmude conta uma lenda segundo a qual Davi perguntou a Deus quanto tempo duraria sua vida. Deus respondeu-lhe que morreria no sábado. Por isso, no fim de cada sábado Davi fazia uma festa, porque lhe era assegurada mais uma semana de vida.

Depois da ceia todos se põem a conversar, relatar histórias e lendas. As mulheres realizam as tarefas regulares da casa, mas não tecem nem costumam.

Entre os judeus da Europa Ocidental e das Américas, o sábado deixou de ser observado desta maneira, como resultado da revolução industrial e da crescente concorrência comercial a

que se viram expostos desde o século dezenove. O único grupo judaico que procurou descobrir meios para continuar observando o sábado foi o dos judeus reformados. Contudo, não foram bem sucedidos. Alguns dentre eles celebram serviços religiosos no domingo de manhã, para benefício dos que não podem freqüentá-los no sábado.

Recentemente, tem surgido interêsse por guardar o sábado de alguma maneira. Com esta finalidade, foram iniciados serviços religiosos nas sextas-feiras à noite, após a ceia. São assistidos por homens, mulheres e crianças. Acendem-se velas sôbre o altar, recita-se o *Kiddush*, um cântico canta o *Lejá Dodi* e outras melodias tradicionalmente sabáticas. O rabino prega um sermão. Também se tem introduzido em muitas congregações serviços religiosos especiais para crianças, no sábado de manhã.

Está sendo reavivado também o uso da "Casa do Estudo," na sinagoga ou em alguma sala adjacente. Às sextas-feiras de noite, ou aos sábados de tarde, são estudadas a vida e a cultura judaicas. A cerimônia de despedida da Rainha Sábado também está sendo reavivada com formas novas.

ALGUMAS DECLARAÇÕES JUDAICO-CONTEMPORÂNEAS ACERCA DO SIGNIFICADO DO SÁBADO

"Os prazeres do sábado são a sexagésima parte das delícias do mundo vindouro; na véspera do sábado Deus dá ao homem uma alma especial, e ao passar o sábado esta lhe é tirada." ¹³

"Na realidade, foi o sábado que conservou a Israel, e não Israel que conservou o sábado." ¹⁴

"Nenhum dos valores espirituais que o judaísmo proporcionou ao mundo penetrou tão profundamente e de modo tão geral na vida da humanidade como o descanso semanal, o sábado. É uma lei de importância não somente

religiosa, mas também social; contempla as necessidades do homem em seu duplo aspecto físico e espiritual, e lhe outorga, juntamente com um intervalo de descanso na monotonia e fadiga do trabalho, um desfôgo para a alma, que nos dias de labuta costuma precisar de uma expansão adequada." ¹⁵

"O sábado faz lembrar o ritmo da criação divina do universo. Se a força cega da Natureza houvesse criado o mundo, não poderia haver-se detido repentinamente durante 24 horas. Deus mesmo é o criador do mundo. Seis dias utiliza o homem as coisas terrestres para seus fins, mas no sétimo dia de cada semana confessa que o mundo é de Deus, que pertence a Ele. Desta maneira, cada sábado se converte para o judeu em sua profissão de fé.

"Deus não suspendeu Sua obra no *Schabat* porque quisesse descansar do labor, mas porque o trabalho não tem significado sem a tranqüilidade e o repouso contemplativo que o acompanham. O sábado irradia luz sôbre os outros dias. Estes não são mais do que degraus que conduzem para ele; carecem de nome em hebraico, e chamam-se segundo sua ordem; primeiro, segundo etc., até chegar ao sétimo, *Schabat*, repouso." ¹⁶

- 1) Seção baseada principalmente em Hayyim Schauss, *The Jewish Festivals* (Nova York, União das Congregações Hebraico-Americanas, 1938), págs. 21-37.
- 2) *Idem*, pág. 21.
- 3) Erna C. Schlesinger, *Tradiciones y Costumbres Judías* (Buenos Aires, Editorial Israel, 1951), pág. 24.
- 4) *Idem*, págs. 24 e 25.
- 5) *Idem*, pág. 25.
- 6) *Loc. cit.*
- 7) Schauss, *op. cit.*, pág. 19.
- 8) Schlesinger, *op. cit.*, pág. 27.
- 9) *Idem*, págs. 27 e 28. Música na pág. 26.
- 10) *Idem*, pág. 30.
- 11) *Idem*, pág. 31.
- 12) *Idem*, págs. 32 e 33.
- 13) Trechos do Talmude, citados por H. Schauss, *op. cit.*, pág. 21.
- 14) Ajad Haám, cit. em E. C. Schlesinger, *op. cit.*, pág. 21.
- 15) E. C. Schlesinger, *op. cit.*, pág. 21.
- 16) *Loc. cit.*



MÚSICA

Apresentemos a Deus uma Oferenda Musical Aceitável

HUGO DARIO RIFFEL



A RELIGIÃO verdadeira, entendida como a íntima comunhão espiritual entre Cristo e o crente, a presença e inspiração do Filho de Deus em todos e cada um dos atos da vida do cristão, não exige nenhum rito especial para a sua realização.

Por outro lado, a arte, pura intuição lírica, carece de finalidade em si mesma. Não obstante, quando se associa aos atos religiosos, apresenta um efeito utilitário definido mas espiritual, pois participa da mais elevada das atividades humanas: a relação com o Ser Supremo.

De tôdas as artes, há uma que tem predominado na vida religiosa de todos os tempos, talvez por ser a mais insubstancial e etérea de tôdas — a música. Desde os tempos apostólicos se aconselha aos fiéis: “Falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais” (Efés. 5:19). Também ao surgir o Movimento Adventista, escreveu a Sr^a White: “Com um cântico, Jesus, em Sua vida terrestre, defrontou a tentação. Muitas vezes, quando eram proferidas palavras cortantes, pungentes, outras vezes em que a atmosfera em redor d’Ele se tornava pejada de tristeza, descontentamento, desconfiança, temor opressivo, ouvia-se o Seu canto cheio de fé e de santa animação.” — *Educação*, pág. 165. “A história dos cânticos da Bíblia está repleta de sugestões quanto aos usos e benefícios da música e do canto.” “... Corretamente empregada, porém, (a música) é um dom precioso de Deus, destinado a erguer os pensamentos a coisas altas e nobres, a inspirar e elevar a alma.” “Assim como os filhos de Israel, jornadaando pelo deserto, suavizavam pela música de cânticos sagrados a sua viagem, Deus ordena a Seus filhos hoje que alegrem a sua vida peregrina. Poucos meios há mais eficientes para fixar Suas palavras na memória do que repeti-las em cânticos. E tal cântico tem maravilhoso poder.” — *Idem*, págs. 166 e 167.

Depois de referências tão claras, não nos res-

tam dúvidas acêrca da importância da música, e particularmente do canto sagrado, na vida cristã.

Tôda música que é executada diante do Senhor deve ser considerada como uma oferenda perante Seu trono. Devemos lembrar-nos de Abel e Caim quando apresentaram seus sacrifícios a Jeová. Abel deu o que Deus pedia, e sua oferta foi aceita. Caim deu o que lhe pareceu melhor, e sua oferta foi rejeitada. Não eram maus os frutos da terra, que Caim ofereceu; além disso, eram o resultado de árduo trabalho de meses, mas Deus havia ordenado outro sacrifício, e sempre se deve dar a Deus o que Ele pede.

Que oferendas musicais apresentamos perante o Senhor em nossos cultos e em nossos lares? Podemos oferecer música genuinamente religiosa, música de beleza transcendente, de autores inspirados, executada de maneira sóbria e digna, que guie a mente da congregação para pensamentos elevados e puros. Por outro lado, vivemos rodeados de música que brota de receptores de rádio, fonógrafos etc.; música escrita e executada com o objetivo de excitar os sentimentos do coração carnal. De tal maneira nos envolve essa espécie de música, tão agradável aos ouvidos, que é apresentada a Deus nos serviços religiosos. Todavia, é necessário compreender que o fato de um trecho musical se mostrar agradável aos nossos ouvidos e excitar nossos sentimentos, não é razão suficiente para trazê-lo diante da presença divina. Assim como os frutos da terra, trazidos por Caim — certamente belos à vista e deliciosos ao paladar — foram rejeitados, também a referida espécie de música deixará de cumprir seu objetivo, pois não elevará a congregação e será um momento de culto intranscendente e fora de lugar.

Percebe-se no mundo religioso verdadeira preocupação pela qualidade da música executada nos cultos. No exemplar de julho de 1961, da publicação trimestral da Corporação Americana de Organistas, Tiago Boeringer chama a atenção para “o reavivamento na liturgia que afetou cada ramo da música hebraica e cristã;

(Continua na pág. 24)

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

A Preeminência de Cristo em Daniel 8 e 9

(Continuação)

DE modo análogo, cremos que o grupo do Advento de 1844, com os olhos fixos em outro aspecto do “tempo” — o fim dos referidos 2.300 dias-anos — erradamente esperou que Cristo aparecesse então como Rei dos reis e Senhor dos senhores, para ocupar o trono e reinar eternamente. Mas semelhante expectativa também era destituída de fundamento, tanto na promessa como na profecia. Cristo, nosso mediador e sacerdote celestial, simplesmente devia iniciar o juízo no tempo designado, ou a etapa final de Seu duplo ministério sacerdotal, indicada pelo aspecto purificador, vindicador ou justificativo que assinala o término dos 2.300 anos — antes de Sua vinda como Rei dos reis, em poder e grande glória. E esta vinda, segundo nossa compreensão, não ocorrerá antes da terminação do tempo de graça para os homens e o fim do ministério sacerdotal de Cristo.

Achamos que o desapontamento dos crentes adventistas de 1944 foi, em certo sentido, semelhante ao dos discípulos em sua expectativa de que Cristo estabeleceria Seu reino por ocasião do primeiro advento. Ambos estavam certos no tocante a sua respectiva ênfase ao tempo, baseada no cumprimento dos períodos proféticos, mas ambos estavam plenamente errados quanto ao evento que devia ocorrer. Todavia, o grande plano divino de completa redenção por meio de Jesus Cristo prosseguiu em direção a sua majestosa conclusão, cumprindo meticulosamente cada uma das múltiplas predições, que têm sido realizadas sem divergência, de acordo com o eterno propósito de Deus em Cristo.

Não concordamos, portanto, que a Igreja Adventista resultasse de uma concepção errônea por parte de milhares de pessoas, espalhadas através das principais igrejas do Velho e do Novo Mundo, acerca da iminência do *segundo advento*, assim como não admitimos que a igreja apostólica se originou de uma concepção errônea dos eventos que assinalaram o *primeiro advento* de Cristo.

Em ambos os casos, a transitória interpretação falsa foi apenas um incidente efêmero, que prontamente deu lugar às duradouras verdades fundamentais que constituem a causa e proporcionam plena justificação para os desenvolvimentos que se seguiram. Em cada uma das ocorrências, redundou em melhor compreensão de nosso Senhor e de Sua obra redentora em favor do homem.

A ênfase sôbre o *tempo* era justificável em ambos os casos, pois a Palavra profética indicara que algo de grande importância estava para acontecer. Em cada uma das ocasiões a verdade foi obscurecida pelo falso conceito humano. Após o desapontamento inicial, porém, logo houve esclarecedora luz. Em cada episódio, apesar das errôneas expectativas iniciais, realmente teve lugar um extraordinário cumprimento na maravilhosa operação da atividade redentora de Cristo em favor do homem.

Assim é que o primitivo erro no tocante à ordem dos eventos, sem demora foi substituído por perdurável conhecimento e verdade. O breve engano inicial de cada grupo, rapidamente cedeu lugar à mais clara compreensão do propósito de Deus. A confusão sôbre a seqüência dos eventos no desenrolar do divino plano de redenção, depressa se dissipou por meio de mais nítida compreensão do sublime esboço do perfeito plano de redenção. A doutrina adventista baseia-se, pois, na perfeição do plano e propósito revelados por Deus, e não na imperfeição do conhecimento e compreensão humanos.

Nossa esperança está fundada sôbre certezas divinas, e não sôbre fragilidades humanas. Fundamenta-se nos sólidos fatos da revelação divina, e não na transitória má aplicação do homem. Baseia-se sôbre o invariável e supremo propósito de Deus, e não sôbre as defeituosas e limitadas concepções humanas. Tal é o sólido fundamento de nossa esperança do advento. É a isso que damos ênfase — à onipotente e imutável

(Continua na pág. 14)

Problemas Concernentes a Daniel 8

Pergunta 24

Que base escriturística e histórica possuem os adventistas do sétimo dia para ensinar (1) que os 2.300 dias ("tardes e manhãs") de Daniel 8:14 simbolizam anos; (2) que a ponta pequena que surgiu de um dos quatro chifres do bode (verso 9) representa Roma; e (3) que o santuário dos versos 11-14, que devia ser espezinhado e então "purificado," ou "justificado," é o santuário celestial? Não sois praticamente os únicos a sustentar semelhante conceito?

Como tôdas estas perguntas dizem respeito à visão de Daniel 8, será conveniente examinar o capítulo inteiro, a fim de estabelecer a base para nossa posição sobre estes pontos correlatos.

1. ANÁLISE DE DANIEL 8. — Daniel apresenta aí um relato consecutivo do simbolismo profético dramaticamente retratado diante dêle, em visão. Juntamente com êste fato, porém, cumpre ter em mente que êste capítulo corresponde à visão da imagem metálica de quatro divisões, do capítulo 2, simbolizando quatro impérios mundiais, e aos quatro animais-reinos de Daniel 7, que também representam Babilônia, Medo-Pérsia,* Grécia e Roma. A principal diferença é que a visão do capítulo 8 começa com a Medo-Pérsia.

Daniel vê primeiro um carneiro com dois chifres. Êste é explicitamente identificado pelo anjo interpretador como a Medo-Pérsia, sendo a Pérsia predominante (comparar os versos 3, 4 e 20). Êle dava marradas, ou investia, para o Ocidente, para o Norte e para o Sul, aumentando em poder e efetuando sua própria vontade.

Em seguida, um "bode peludo" surgiu do Ocidente, com espantosa rapidez. Isto representa a Grécia e a Macedônia (comparar os versos 5 a 21), sendo o bode o emblema nacional da Grécia, assim como o carneiro era o emblema identificador da Medo-Pérsia. O chifre "notável" do bode grego simbolizava êste reino sob Alexandre o Grande (versos 5 e 21), cujo domínio se estendia da Grécia e Macedônia

à parte noroeste da Índia, e do Egito até além do Mar Cáspio — o maior império que o mundo já conhecera. Não pode haver dúvidas quanto à identificação, visto que é dada por inspiração.

Então em 323 A. C., no auge do poder, Alexandre faleceu. A princípio os generais dirigentes procuraram organizar o vasto território sob regências no nome do meio-irmão de Alexandre, de mentalidade débil, e do filho póstumo de Alexandre. Mas após duas décadas de intermitentes lutas armadas entre rivais, os dois mais fortes arrematadores do poder central foram decisivamente derrotados por uma coligação de quatro que dividiram o império em quatro reinos. Estas divisões (três das quais sobreviveram como as monarquias de Macedônia, Egito e Síria, até serem destituídas pelos romanos) cumpriram notavelmente as especificações proféticas de quatro chifres em direção aos quatro pontos cardeais — Ptolomeu apoderou-se do Egito, da Palestina e de parte da Síria, em direção ao Sul; Cassandro dominou a Macedônia e a Grécia, no Ocidente; Lisímaco exerceu a supremacia na Trácia e porções da Ásia Menor, ao Norte; e Seleuco governou da Babilônia e Assíria para o Oriente. Ver *Cambridge Ancient History* (1928-38), Vol. 6, págs. 462, 483, 492, 498, 499 e 502.

Depois apareceu um chifre, proveniente de um dêles, e diferente dos quatro chifres anteriores do bode — um que embora insignificante no comêço, tornou-se "muito forte." Foi visto dirigir-se com ímpeto para o Sul (apoderando-se do Egito), para o Leste (absorvendo a Síria) e assenhoreando-se da Palestina, a "terra formosa" (verso 9). Assumiu proporções estupendas. E em harmonia com numerosas autoridades contemporâneas e do passado, cremos que isto simbolizava Roma. A forma pagã e mais tarde a forma papal de Roma são evidentemente abrangidas por êsse único símbolo.

Isto é confirmado pelo fato de que o capítulo 8 assemelha-se às visões dos capítulos 2 e 7 — Daniel 2 apresentando o aspecto civil, e Daniel 7 introduzindo o aspecto religioso. Em cada uma destas representações, os três primeiros poderes mundiais — Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia — foram literal e historicamente seguidos pelo Império Romano em suas formas pagã e papal.* O Ocidente tornou-se agora a sede do império, com a Itália ocupando o lugar central. Por conseguinte, afirmamos que esta pon-

* Êsse nome composto é empregado em conformidade com a interpretação do anjo ("Média e Pérsia," verso 20), e para realçar o fato de que nem aqui nem em outra parte concebe Daniel a existência independente de um império da Média — um requisito indispensável para o "Ponto de Vista Grego" do quarto reino de Daniel 2 e 7, que será considerado sob a Pergunta 28. A expressão "Medo-Pérsia" é empregada correntemente por sábios conservadores como Roberto D. Culver (1944), Eduardo J. Young (1949), Herbert C. Leupold (1949) e o *Catholic Commentary* (1955), bem como grande número de escritores mais antigos, como Carlos Boutflower (1922), Carlos H. Wright (1906), e uma plêiade de notáveis eruditos, como Keil (1869) e Zöckler (1870), até chegar aos tempos da Reforma.

ta ou chifre refere-se à grandeza e poder de Roma.

2. INCLUÍDOS OS SANTUÁRIOS TERRESTRE E CELESTIAL. — Devido às notáveis semelhanças entre as profecias de Daniel 2, 7 e 8, e em razão da inevitável analogia e continuidade histórica entre o Império e a Igreja Romana, os adventistas crêem que a "ponta pequena" de Daniel 8:9 representa tanto a Roma pagã como a Roma papal.

Destarte, as atividades atribuídas a esta "ponta pequena" em Daniel 8:10-13 e 23-25; 11:31; e 12:11, devem ser interpretadas como abrangendo *tanto a Roma pagã como papal*, em seu escopo.

Visto que os 2.300 "dias," interpretados como anos (ver a seção 6), estendem-se bem além do tempo do santuário terrestre, acreditamos referirem-se ao "maior e mais perfeito" santuário celestial, do qual o terrestre era uma "figura," descrito em Hebreus 8 e 9. Cremos também que a palavra hebraica *tamid*, o "contínuo" no livro de Daniel (caps. 8:11-13 e 11:31), assinala os serviços diários, ou contínuos, do "santuário," porquanto o vocábulo *tamid* aparece em conexão com o santuário. Acharnos, portanto, que o "santuário" de Daniel 8:11-14 deve abranger tanto o santuário terrestre como o celestial. Semelhantemente, o "contínuo" deve representar os serviços diários, regulares, ou "contínuos," de ambos os santuários. De modo análogo, a "transgressão assoladora" certamente representa as atividades tanto de Roma pagã como papal, que tornam êsses serviços inoperantes ou ineficazes. Assim sendo, a pergunta "Até quando?" (do verso 13), e a resposta "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs" (no verso 14), obviamente inclui ambos. E por igualdade de raciocínio, o "exército" deve incluir tanto judeus como cristãos, durante as partes respectivas dos 2.300 dias proféticos, em que cada santuário está em funcionamento.

3. DUPLA REMOÇÃO DO CONTÍNUO. — É evidente que as atividades de Roma pagã relacionavam-se primordialmente com o santuário terrestre, ou Templo judaico, ao passo que as de Roma papal devem dizer respeito ao santuário celestial. O próprio Cristo aplica a "abominação desoladora," de Daniel 11:31, à devastação do Templo terrestre pelos exércitos roma-

nos, em 70 A. D. (S. Mat. 24:1-3 e 15-20; S. Luc. 21:20). Mas Daniel 11:31 é deveras semelhante a Daniel 8:11 e 13, pois ambas essas passagens referem-se ao santuário e sua desolação, e ao "contínuo," bem como à sua remoção. Dêste modo, Cristo em parte aplica Daniel 8:13 e 14 ao Templo em Jerusalém.

Por conseguinte, cremos, em primeiro lugar, que a remoção do "contínuo" por Roma *pagã* representa a desolação do Templo em 70 A. D., com a cessação permanente de seus serviços (ver Dan. 8:11 e 13; 11:31; comparar com S. Mat. 24:1-3 e 15-30; S. Luc. 21:20); e em segundo lugar, que a remoção do "contínuo" por Roma *papal* representa a introdução de inovações papais, como o sacerdócio mediador, o sacrifício da missa, o confessionário e a adoração de Maria,* pelas quais ela com êxito afastou o conhecimento do contínuo ministério de Cristo no santuário celestial, e a confiança nêle, tornando também ineficaz êsse ministério na vida de milhões de cristãos professos. (Ver Heb. 7:25; 8:1-5; 9:24; etc.)

4. ROMA CUMPRE OUTRAS ESPECIFICAÇÕES. — Esta aplicação da ponta "muito forte" a Roma é confirmada ainda mais pelo fato de que Roma cumpriu exatamente as outras especificações de Daniel 8. Por exemplo, Roma "pisou" sôbre o povo de Deus (Dan. 8:10), perseguindo-o implacavelmente através dos séculos — nos tempos pagãos através de tiranos, como Nero, Domiciano e Dioclesiano; e realmente de modo bem trágico sob a sucessiva fase papal. Além disso, Roma pagã levantou-se contra o Príncipe dos príncipes (verso 25), que cremos ser Cristo (comparar com Atos 3:15 e Apoc. 1:5), pois foi um governador romano que condenou Jesus, e soldados romanos que O crucificaram e Lhe traspassaram o lado e colocaram um sêlo romano sôbre Seu sepulcro.

Ademais, Roma em sua forma papal calçou a pés e profanou as provisões do santuário de Deus no Céu, removendo o conhecimento e a dependência do "contínuo" ministério de Cristo, como Sumo sacerdote no santuário celestial (Heb. 7:25; I S. João 2:1). Ela tem invalidado a confiança no verdadeiro sacrifício expiatório de Cristo no Calvário, feito de uma vez para sempre e de modo todo-suficiente, repetindo os sacrifícios diários da missa em milhares de altares terrestres. Dêste modo ela obscureceu e mutilou o verdadeiro culto a Deus, substituindo a voluntária e genuína unidade de todos os crentes em Cristo — Seu corpo místico ou igreja — pela autoridade compulsória e unidade forçada de uma igreja visível. E ela impôs a autoridade

* Concordamos com Carlos Boutflower (*In and Around the Book of Daniel*, pág. 293), o qual declarou: "O quarto reino de Daniel é o poder romano: primeiro em sua etapa como poder consular e imperial, e depois em sua etapa posterior, em que como a 'ponta pequena' retratava o Papado."

Adolfo Harnack (*What is Christianity?*, pág. 270), salienta o ponto de que, após o desaparecimento do Império Romano, a Igreja Romana, sob o Bispo de Roma, "introduziu-se no lugar do Império Romano, do qual é a atual continuação," remodelando simplesmente sua forma mas governando as nações com o papa como soberano e sucessor de *Caesar Pontifex Maximus*.

Gibbon também se expressou com acerto ao sugerir que Roma pagã desapareceu, apenas para reaparecer como Roma papal. Centenas de entendidos sustentaram o mesmo ponto de vista.

* Na página 44 do livro *The Eternal Galilean*, escrito pelo bispo Fulton J. Sheen aparecem estas palavras: "Dedicado a Maria, Mãe de Deus, Rainha das Sete Espadas, Advogada dos Pecadores diante do Trono Trino e Uno, Filha do Pai, Mãe do Filho, Espôsa do Espírito Santo." (Grifo nosso.)

do papa visível em lugar de Cristo, que guia e dirige Sua igreja pelo próprio substituto ou representante que designou, o Espírito Santo (S. João 14:16 e 17; 16:7 e 13).

Além disso, como já foi indicado, o Papado interpôs a barreira de um sacerdócio humano entre o adorador e Cristo, em vez do acesso direto de todos ao nosso grande Sumo sacerdote. Instituiu e estabeleceu também um sistema de salvação pelas obras humanas em lugar da salvação exclusivamente pela fé em Jesus Cristo, substituindo a confissão dos pecados diretamente a Cristo em Seu santuário no Céu, por um confessorário terrestre.

Desta maneira as verdades concernentes às maravilhosas provisões de redenção, centralizadas na cruz e tornadas eficazes mediante o ministério de nosso Senhor no santuário celestial, foram "lançadas por terra" ao acumular o Papado a verdade de tradições e obscurecê-la pela deturpação, introduzindo um sistema que privou a humanidade dos benefícios diretos do sacrifício expiatório e do ministério sacerdotal de Cristo. "Fêz isso, e prosperou." — em seus afastamentos e enganos, em seus projetos corruptos e aumento de poder.

5. "TARDE E MANHÃ" — UM DIA COMPLETO. — Em sentido original e literal, a expressão "tarde e manhã" evidentemente designava um dia de 24 horas, pois de acôrdo com a contagem bíblica, cada dia de 24 horas começa ao pôr do Sol e termina no pôr do Sol seguinte (Gênesis 1). Assim a parte escura do dia, chamada "tarde," sempre precede a parte luminosa do dia, chamada "manhã." E o próprio fato de que em Daniel 8:14 a palavra "tarde" precede o vocábulo "manhã," essencialmente indica a mesma seqüência de noite e dia, e portanto um dia completo de 24 horas, não metade de um dia, como alguns calculam (fazendo assim os 2.300 dias valer 1.150 dias).

Se, então, as 2.300 tardes e manhãs significam 2.300 dias, êste período — caso seja computado como tempo simbólico nesta profecia simbólica — equivaleria a 2.300 anos literais. — *Questions on Doctrine*, págs. 252 a 259.

A TV e o Evangelismo da ...

(Continuação da pág. 15)

gem, a Recolta e o evangelismo local, sempre que sejam feitos dentro dos princípios da prudência.

4. Neutralizam preconceitos sôbre a nossa mensagem, e colocam a nossa igreja em primeiro plano na mente dos telespectadores, entre as instituições que se preocupam pelo bem-estar da comunidade. (Isto foi claramente recomendado pela serva do Senhor.)

Não creio que haja algo que sirva melhor para êsse propósito nos países latino-americanos de tradição católica.

5. Dão oportunidade para pregar aos inconversos os princípios gerais do cristianismo. As emissoras não se oporão a isto, sempre que se saiba explorar os "denominadores comuns" das denominações cristãs.

6. Realizam uma obra em benefício social, ao ensinar diretamente ao povo os princípios do viver sadio, que só poderá ser avaliado no Céu.

7. Estabelecem uma plataforma sumamente vantajosa para a apresentação posterior de programas religiosos, pagos, de rádio e TV; oportunidade que sem dúvida haverá de chegar.

8. Proporcionam generosa quantidade de contatos pessoais com almas sinceras (através de chamados telefônicos, cartas, visitas à igreja etc.) que são bons candidatos para a mensagem adventista. Com efeito, muitos ingressam em nossa igreja devido ao trabalho da TV.

Minha opinião pessoal é que êste constitui um terreno que não temos explorado devidamente, e que sem dinheiro, com um pouco de engenho e com fé na bondosa direção divina, é possível fazê-lo agora mesmo, e em nossos próprios países.

Apresentemos a Deus uma ...

(Continuação da pág. 20)

os judeus estão voltando a sua antiga maneira de cantar; a Igreja Católica está fomentando melhores execuções de canto gregoriano, instando que seus fiéis participem dos serviços de canto e proibindo o uso do órgão eletrônico; as igrejas bizantinas estão utilizando sua rica herança de cânticos; e as igrejas protestantes aceitam cada vez menos hinos de qualidade inferior, canções seculares com letra religiosa, o mau uso do órgão e serviços musicais desorganizados e insubstanciais, em que o sentimentalismo substitui a verdadeira experiência religiosa."*

Certamente os ministros do evangelho estão interessados na elevação do nível musical em suas igrejas. A partir dêste número da revista *O Ministério Adventista*, procuraremos dar algumas idéias para que os serviços musicais em nossos cultos estejam à altura da mensagem que pregamos, e sendo também verdadeira bênção para os fiéis.

* Citado por H. B. Hannum em *The Ministry*, janeiro de 1963, pág. 19.